

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO –

FECAP

MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO

VIRGINIA PRESTES BERNARDES DE CAMILLO

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E POPULARIZAÇÃO DA
BM&FBOVESPA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

São Paulo

2014

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO -
FECAP**

MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO

VIRGINIA PRESTES BERNARDES DE CAMILLO

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E POPULARIZAÇÃO DA
BM&FBOVESPA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

Dissertação apresentada à Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Administração com ênfase em Finanças

Orientador: Prof. Dr. Edson Sadao Iizuka

São Paulo

2014

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO – FECAP

Reitor: Prof. Edison Simoni da Silva

Pró-reitor de Graduação: Prof. Taiguara de Freitas Langrafe

Pró-reitor de Pós-graduação: Prof. Edison Simoni da Silva

Diretor da Pós-Graduação Lato Sensu: Prof. Alexandre Garcia

Coordenador de Mestrado em Ciências Contábeis: Prof. Dr. Cláudio Parisi

Coordenador do Mestrado Profissional em Administração: Prof. Dr. Heber Pessoa da Silveira

FICHA CATALOGRÁFICA

C183e

Camillo, Virginia Prestes Bernardes

Educação financeira e popularização da BM&FBOVESPA em instituições de ensino superior. / Virginia Prestes Bernardes Camillo. - - São Paulo, 2014.

86 f.

Orientador: Prof. Dr. Edson Sadao Iizuka.

Dissertação (mestrado) – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP - Mestrado Profissional em Administração com ênfase em finanças.

1. Educação financeira.
2. Educação financeira – Ensino superior.
3. Investidores – Brasil.
4. Finanças pessoais – Estudo e ensino.

CDD 332.024

VIRGINIA PRESTES BERNARDES DE CAMILLO

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E POPULARIZAÇÃO DA BM&FBOVESPA EM
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

**Dissertação apresentada à Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado –
FECAP, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Administração
com ênfase em Finanças.**

COMISSÃO JULGADORA:

**Prof. Dr. Tharcisio Bierrenbach de Souza Santos
Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP**

**Prof. Dr. André Taue Saito
Centro Universitário Álvares Penteado – UNIFECAP**

**Prof. Dr. Edson Sadao Iizuka
Centro Universitário Álvares Penteado – UNIFECAP**

São Paulo, março de 2014

RESUMO

O presente trabalho investigou do ponto de vista da educação financeira, se o público universitário representa um mercado potencial para a popularização do investimento em renda variável e se a criação de um escritório de corretora, ou algo semelhante, dentro do ambiente educacional seja viável. Para atingir os objetivos geral e específicos foram realizadas entrevistas com gestores da área de educação, gestores do mercado de capitais, pesquisa por meio de questionário com alunos do ensino superior e revisão da bibliografia relacionada à educação financeira. O resultado das pesquisas indicou que há claro interesse dos alunos em aprender educação financeira; a criação de um escritório de corretora, ou similar, dentro de faculdades foi bem recebida tanto por gestores da área educacional quanto do mercado de capitais, tendo como principal requisito aliar a prática financeira à teoria ministrada pela academia, evitando-se eventuais conflitos de interesse. Pretende-se que esta pesquisa norteie ações de popularização, tanto por parte da bolsa como também de corretoras de valores, agentes de investimentos e, finalmente, instituições de ensino superior, enfatizando a importância de levar conhecimento sobre finanças à população para que possamos ter no país uma sólida base de investidores conscientes.

Palavras-chave: Educação Financeira. Popularização BM&FBOVESPA. Estudantes Ensino Superior.

ABSTRACT

The present work has investigated from the point of view of the financial education, if the university's students are a potential market for the popularization of equities investment and if the creation of a brokerage office, or something similar, within the educational environment, would be feasible. To achieve the general and specific objectives, it has been done interviews with managers from the educational area, managers from the capital market, and research through a questionnaire survey with students with a higher education and also a review of the literature related to financial education. The results of the research indicated that there are huge student's interest in learning financial education; the creation of a brokerage office, or similar, within the university area was well received by educational managers as well as capital market managers, with the only requirement to combine financial practice to the theory given by the academy. It is intended that this research provides guidance popularization actions, both by the exchange as well as stockbrokers and investment agents, emphasizing the importance of bringing knowledge about finance to the people so we can have a solid foundation in the country of aware investors .

Key-words: Financial Education. Popularization BM&FBOVESPA. Higher Education Students.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 QUESTÃO DE PESQUISA	9
1.2 OBJETIVO GERAL	10
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA	11
2.2 A POPULARIZAÇÃO DO MERCADO DE CAPITAIS PELA BM&FBOVESPA.....	15
2.2.1 PROSPECTO DE OFERTA INICIAL DE AÇÕES	16
2.2.2 PROGRAMAS E INCENTIVOS DE POPULARIZAÇÃO DA BOLSA.....	18
2.2.2.1 <i>BM&FBOVESPA VAI ATÉ VOCÊ</i>	18
2.2.2.2 <i>DESAFIO BM&FBOVESPA</i>	18
2.2.2.3 <i>SIMULADORES</i>	19
2.2.2.4 <i>OUTROS PROGRAMAS E AÇÕES DA BM&FBOVESPA</i>	19
2.3 OUTRAS INICIATIVAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA	19
2.3.1 ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (ENEF).....	20
3 PERFIL E EVOLUÇÃO DE INVESTIDORES PESSOAS FÍSICAS	21
4 A POPULARIZAÇÃO DO MERCADO DE CAPITAIS POR MEIO DAS UNIVERSIDADES	26
5 CONFLITO DE AGÊNCIA NA RELAÇÃO PRESTADOR DE SERVIÇO E INSTITUIÇÃO DE ENSINO	27
6 METODOLOGIA	28
6.1 TIPO DE PESQUISA.....	29
6.2 DELIMITAÇÃO, POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	29
6.2.1 POPULAÇÃO.....	29
6.2.2 AMOSTRA DA PESQUISA SURVEY	31
6.2.3 AMOSTRA DA PESQUISA COM ENTREVISTAS AOS GESTORES	32
6.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS.....	32
6.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	33
7 PESQUISA SURVEY COM ALUNOS	34
7.1 PRÉ-TESTE	34
7.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA COM ALUNOS	34
7.3 ANÁLISE POR PONTOS	41
7.4 ANÁLISE POR CURSO E SEMESTRE.....	43
7.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A SURVEY	44
8 ENTREVISTAS COM GESTORES	46
8.1 IMPORTÂNCIA DA POPULARIZAÇÃO DO MERCADO DE CAPITAIS.....	46

8.2 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA POPULARIZAÇÃO DA BM&FBOVESPA.....	48
8.3 ENTRAVES À POPULARIZAÇÃO DO INVESTIMENTO EM AÇÕES	48
8.4 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NOS CURSOS SUPERIORES DE ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA	49
8.5 CRIAÇÃO DE UM ESCRITÓRIO DE CORRETORA, OU ALGO SIMILAR, DENTRO DE INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR.....	50
8.6 ESTABILIDADE E RETOMADA DA POPULARIZAÇÃO DA BM&FBOVESPA	52
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA (1º E 8º SEMESTRES).....	60
APÊNDICE B – TABELA DE PONTOS – ANÁLISE DA PESQUISA SURVEY.....	61
APÊNDICE C – ENTREVISTAS COM GESTORES DO MERCADO DE CAPITAIS.....	62
APÊNDICE D – ENTREVISTAS COM GESTORES DA ÁREA ACADÊMICA.....	75
ANEXO A – DECRETO INSTITUINTE DA ENEF.....	85

1 INTRODUÇÃO

O mercado de capitais brasileiro, especialmente na última década, vem crescendo a passos largos e tornando-se cada vez mais importante mundialmente. A estabilidade política, o controle da inflação, o crescimento econômico e a redução das taxas de juros no país contribuíram para este processo.

Por conta de todas as melhorias e a percepção destas pelo mercado internacional, o país obteve a elevação da sua nota de classificação de risco de crédito pelas principais agências de *rating*, alcançando o chamado grau de investimento. Com isso, a bolsa de valores ganhou ainda maior liquidez e volume de negociações.

O desenvolvimento do mercado e a grande valorização dos papéis ocorridos entre os anos de 2003 a 2007, levou diversas empresas a abrirem o capital e lançarem ações na bolsa de valores. Dentre elas a própria Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), que desmutualizou-se, tornou-se companhia aberta e realizou sua oferta inicial de ações em outubro de 2007, com uma oferta pública de ações que atingiu um montante superior a seis bilhões de reais, recorde histórico no país até então. Segundo a Revista Bovespa (2007), esta oferta atraiu o interesse de quase setenta mil investidores pessoas físicas, que foram responsáveis pela compra de 10% das ações ofertadas. Este percentual poderia ser ainda maior, não fosse o limite de compra estipulado no valor de R\$ 12.098,00, correspondente a 526 ações por investidor individual.

À época do lançamento de suas ações, a Bovespa tornou-se a quinta maior bolsa de valores do mundo, pelo critério de capitalização de mercado. Pouco tempo depois foi feita uma fusão com a Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), a qual também havia aberto seu capital, o que resultou na atual BM&FBOVESPA. Porém, em listagem de 2012, a bolsa brasileira não figurou mais entre as dez maiores bolsas do mundo (WORLD FEDERATION OF EXCHANGES, 2012).

Na ocasião dos IPOs das bolsas, foi divulgado um ambicioso plano de expansão da base de investidores individuais, almejando alcançar o número de cinco milhões até o ano de 2014, segundo o presidente Edemir Pinto (ÉPOCA NEGÓCIOS ONLINE, 2013).

Conforme desejava a bolsa, o número de investidores individuais no mercado de ações brasileiro passou por um vigoroso aumento nos anos de 2007 a 2010, crescendo aproximadamente 180% no período. Em janeiro de 2007 havia 224.536 contas de investidores individuais abertas nas corretoras de valores, o ápice deste número ocorreu em setembro de 2010 quando existiam 630.895 contas abertas e em setembro de 2013 este número era de 600.940, segundo dados de mercado. (BM&FBOVESPA, 2013b).

Nota-se, portanto, que desde 2010 até a data do presente trabalho o número de investidores individuais não aumentou, permanecendo estável na faixa dos 600 mil. Por meio de entrevistas com gestores do mercado de capitais e da área de ensino foi possível identificar possíveis motivos para esta estabilidade, o que dá espaço a oportunidades de novas iniciativas de popularização do mercado de capitais.

Estudos como o de Wisniewski (2010), o direcionamento da BM&FBOVESPA e os gestores entrevistados para este trabalho, indicam que o melhor caminho para atrair mais o pequeno investidor e popularizar o investimento em ações é oferecer educação financeira à população.

Neste contexto, pretende-se contribuir para ampliar o conhecimento público sobre as iniciativas para atrair novos investidores da bolsa de valores brasileira e projetos de mesma natureza de diferentes instituições, salientando a importância da educação financeira na formação de investidores conscientes. Objetiva-se que este instrumento que norteie ações de popularização, tanto por parte da BM&FBOVESPA como também de corretoras de valores, agentes de investimento e instituições de ensino superior.

1.1 QUESTÃO DE PESQUISA

Quais são os requisitos necessários, sob o ponto de vista da educação financeira, para que seja criada uma iniciativa de popularização do investimento em ações entre os estudantes universitários?

1.2 OBJETIVO GERAL

O trabalho pretende investigar se, a exemplo do que ocorreu com o mercado bancário com a criação de agências dentro de instituições de ensino, o público universitário é um mercado potencial para a popularização do investimento em renda variável.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos são:

Investigar o comportamento e conhecimento de universitários acerca dos temas investimentos e educação financeira; investigar se uma ação prática de aproximação com o mercado de capitais, como um escritório de corretora dentro da universidade, seria viável; destacar o papel da educação financeira como de máxima importância para atrair e manter o pequeno investidor na bolsa de valores; analisar os principais programas e esforços desenvolvidos pela BM&BOVESPA para atrair mais investidores pessoas físicas para o mercado de capitais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A principal estratégia da BM&FBOVESPA para atrair o pequeno investidor é por meio do conhecimento, familiarizando-o com a bolsa de valores, atraindo-o para cursos e palestras na tentativa de ampliar sua educação financeira.

São de fundamental importância ações que levem informação à população e desmistifiquem a bolsa, pois conforme explica Wisniewski (2010, p. 162) “[...] no Brasil não existe uma cultura formada para investimentos em mercado de capitais, particularmente, em mercado de ações, predominando o tabu de que este se trata de um investimento direcionado a grandes investidores.”

Assim, a fundamentação teórica do trabalho se inicia com abordagem do tema educação financeira, em seguida são apresentados o projeto e iniciativas de popularização da BM&FBOVESPA, a e outras iniciativas na área de educação financeira.

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Assegurada pelo artigo 205 da Constituição Federal, a educação é direito de todo cidadão brasileiro, devendo o Estado e a família provê-la, sendo “promovida e incentivada com a colaboração da sociedade” (BRASIL, 1988).

Logo, a educação do indivíduo começa em casa, com a família. Como expressa Saito (2007, p. 14) “a educação está intimamente ligada à formação do indivíduo”. Desde o nascimento, existe a educação por influência dos adultos para as gerações mais jovens como considera Piletti (1994), conceituando este aprendizado como educação informal. A criança se espelha no comportamento dos pais e familiares, por isso o ambiente familiar exerce grande influência na formação educacional das pessoas.

No âmbito das finanças não é diferente, o primeiro contato da criança com o dinheiro é a observação dos hábitos dos pais: cabe a estes dar a orientação adequada sobre consumo e poupança desde a primeira idade. A educação financeira torna a criança apta a diferenciar desejos de necessidades, consciente de

que o dinheiro é limitado e de que é preciso fazer escolhas e estabelecer prioridades. (SOUZA, 2012)

O museu BM&FBOVESPA, atento à importância da educação financeira desde a infância, tem um espaço dedicado às crianças. Trata-se de um cinema em 3D com um desenho animado que transmite conceitos do mercado de capitais de forma lúdica.

À medida que a criança cresce existe a necessidade de uma educação formal, em que forma e disciplina passam a ser indispensáveis e o currículo assume essa responsabilidade, de acordo com Saito (2007, p. 15):

Na educação formal, os currículos assumem papel importante na definição de objetivos e métodos, na organização dos conteúdos, possibilitando a estruturação e orientação do processo educacional. Assim, enquanto os programas caracterizam a educação não-formal, os currículos sustentam as ações planejadas na educação formal.

Libâneo, Oliveira e Toschi (2006), declaram que o currículo se refere ao conjunto de disciplinas a serem cursadas, aliado aos resultados de aprendizagem pretendidos e às experiências a serem proporcionadas aos estudantes.

O trabalho de Libâneo, Oliveira e Toschi (2006) também cita as classes de currículos que existem no sistema de ensino, como mostra o quadro a seguir:

QUADRO 1 – CLASSES DE CURRÍCULOS

Classes de Currículos	Definição	Exemplo
Formal ou Oficial	Propostas e planos definidos nos documentos, em diretrizes curriculares e nos conteúdos e objetivos das disciplinas	Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – e as propostas curriculares dos estados e municípios
Em Ação ou Real	É exercido nas práticas escolares, sendo decorrente de um projeto pedagógico e dos planos de ensino das unidades escolares	Conteúdo Programático definido pela instituição de ensino
Oculto	Corresponde a regras e normas transmitidas de forma implícita e que governam as relações estabelecidas na escola e em sala de aula.	Cultura da instituição

Fonte: Adaptado de Libâneo, Oliveira e Toschi (2006)

O quadro 1 apresenta as classes de currículos, suas definições e alguns exemplos de ocorrência prática. O presente trabalho propõe-se a analisar o currículo de cursos de ensino superior em áreas correlacionadas a finanças, como economia e administração de empresas, na classe de currículo real, ou seja, aquele que efetivamente é praticado na sala de aula. Dessa maneira será possível avaliar se o conteúdo do plano de ensino aborda o tema de educação financeira.

Saito (2007, p.7) utiliza o termo educação em finanças pessoais como sinônimo para educação financeira e a define como:

(...) processo de transmissão de conhecimento que permite o aprimoramento da capacidade financeira dos indivíduos, de modo que estes possam tomar decisões fundamentadas e seguras, tornando-se mais integrados à sociedade, com uma postura pró-ativa na busca de seu bem-estar.

Segundo o Banco Central do Brasil - BACEN (2013), educação financeira “é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros”.

Então, a educação financeira é um processo de aprendizagem e como tal segue a definição básica de educação, que como foi dito na sessão anterior é de responsabilidade da família e do Estado, acontece de maneira informal por meio de exemplos e influências dos indivíduos adultos e de maneira formal dentro da grade curricular das escolas, cursos superiores e de titulação.

Cursos de curta duração por si só não podem ser considerados como educação, por serem de curto prazo e com foco bastante específico, são apenas treinamento. Já a educação, como anteriormente conceituada, tem como característica ser de longo prazo, formar e fixar conceitos. Silva, Miranda e Hounsell (2007, p.1) apresentam os conceitos de educação e treinamento:

Conceitualmente, a educação é uma forma mais ampla de se aprender enquanto que o treinamento é específico, a educação se refere ao ser humano como um todo e o prepara para a vida, enquanto o treinamento visa preparar particularmente o trabalhador para o trabalho. Educação é uma forma de disseminar e democratizar o saber continuamente, já o treinamento é tido como um processo educacional de curto prazo, que utiliza procedimento sistemático e organizado, pelo qual o pessoal não gerencial aprende conhecimentos e habilidades técnicas para um propósito definido.

A educação financeira, como processo educacional, precisa fazer parte da formação do indivíduo, desde a infância até a fase adulta. O quadro a seguir apresenta uma sugestão de como escola e família podem educar financeiramente em cada fase da vida do indivíduo:

QUADRO 2 – SUGESTÕES PARA O ENSINO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

	Escola	Família
Infância	Atividades como brincar de fazer a feira ou supermercado são interessantes para inserir o dinheiro de maneira lúdica no contexto da criança.	A criança aprende por influência dos indivíduos mais velhos. A família deve ter bons hábitos de consumo, não incentivando o consumismo. Explicar sobre o dinheiro à medida que a criança apresentar curiosidade.
Ensino básico	A aprendizagem da matemática básica auxilia a compreender a utilização do dinheiro	Incentivo à criança para sob supervisão do adulto realizar o pagamento de pequenas quantias. Por exemplo, ao comprar jornal com o pai, a criança faz a transação financeira, escolhe a nota de dinheiro apropriada ao valor, confere o troco, etc.
Ensino Fundamental	Apresentação da história do dinheiro. Apoio aos pais na inserção da "semanada" no dia-dia da criança.	Estímulo à utilização do dinheiro através da "semanada", a criança deve ser responsável por pagar alguns de seus gastos como o lanche da escola, passeios e supérfluos. O jovem deve começar a entender o valor do dinheiro e se organizar para atingir objetivos de consumo de curto prazo.
Ensino Médio	Inserção do conceito do valor do dinheiro no tempo. Estudo de matemática financeira básica. Estudo de princípios de economia e sistema financeiro. Apresentação dos principais produtos de crédito e investimento.	O dinheiro do jovem agora deve passar a ser dado a cada quinzena ou mês. O jovem já pode ser responsável pelo pagamento da maior parte de seus gastos. A família pode inseri-lo no ambiente bancário e orientá-lo com produtos como conta corrente, conta-poupança, cheque e cartão de crédito.
Ensino Superior Cursos ligados a Finanças	Estudo de economia, matemática financeira, produtos de crédito e de investimentos, finanças comportamentais. Destacar a importância da formação de poupança para a aposentadoria.	A família deve estimular o jovem em seus primeiros passos no mercado de trabalho e diminuir a mesada à medida que o jovem progride financeiramente. A orientação em relação à administração do orçamento e formação de poupança deve sempre existir.

Fonte: Da Autora baseada em Cerbasi e Barbosa (2009), Kiyosaki e Lechter (2000), Libâneo, Oliveira e Torchi (2006), Piletti (1994), Souza (2012).

Assim, a educação financeira tem elevada importância, não somente para incentivar a entrada do pequeno investidor no mercado de capitais, mas em aspecto mais amplo, formar cidadãos economicamente conscientes, como salientam Savoia, Saito e Santana (2007, p.1125) “[...] não há como negar que a educação financeira é

fundamental na sociedade brasileira contemporânea, visto que influencia diretamente as decisões econômicas dos indivíduos e das famílias”.

À medida que os indivíduos adquirem conhecimento financeiro, estarão aptos a planejar seu orçamento de modo que consigam poupar e investir, (WISNIEWSKI, 2010, p. 165):

Via educação financeira é possível conscientizar os investidores acerca da importância de criar o hábito de poupar; de como melhor distribuir seus rendimentos entre consumo e poupança; das alternativas de investimento que melhor atendem seu perfil [...].

Segundo Rochman (2009), o conhecimento e o planejamento financeiro são essenciais na vida cotidiana das famílias porque as auxilia nos processos de tomada de decisões financeiras, “os quais compõem uma parte importante de seu presente e futuro.”

As questões acerca das finanças pessoais vão além do bolso ou da conta corrente das pessoas, elas permeiam a vida do indivíduo em todas as esferas. A falta de educação financeira pode interferir de forma significativa no bem estar pessoal.

Conforme Cerbasi e Barbosa (2009) argumentaram, a má gestão do orçamento domiciliar pode levar a endividamento excessivo e a brigas familiares, a preocupação por conta do endividamento pode prejudicar a tranquilidade do indivíduo, levando-o a desde noites mal dormidas até a problemas de saúde, podendo acarretar também o baixo desempenho no trabalho, o que possibilitaria uma perda de emprego e agravaria problemas financeiros da família, tornando-se um ciclo vicioso.

Portanto, a educação financeira “extrapola o simples oferecimento de informações financeiras e conselhos” (SAITO, 2007, p. 20) para de fato ser essencial na vida cotidiana dos indivíduos e famílias.

2.2 A POPULARIZAÇÃO DO MERCADO DE CAPITAIS PELA BM&FBOVESPA

A BM&FBOVESPA tem uma preocupação bastante grande em tornar o mercado de capitais mais conhecido entre a população brasileira, por isso foram

criadas diferentes iniciativas de aproximação com os públicos diversos. Algumas destas iniciativas serão apresentadas a seguir em conjunto com o projeto de popularização da bolsa.

2.2.1 PROSPECTO DE OFERTA INICIAL DE AÇÕES

No prospecto da oferta inicial de ações da Bovespa Holding S.A. a empresa destaca como estratégia de negócio para maximização do lucro da companhia, a ampliação da base de investidores, como mostra o parágrafo extraído abaixo (BOVESPA HOLDING, 2007, p.29):

Ampliar o número de investidores individuais e estrangeiros. Acreditamos que o potencial de crescimento do número de investidores individuais participantes de nossos mercados é grande. Por isso, pretendemos manter nosso programa de promoção e divulgação do mercado de ações, conhecido como “Bovespa Vai Até Você”. Também pretendemos prosseguir com a nossa estratégia de marketing e comunicação que visa a disseminar os conceitos do mercado de ações, com abordagem customizada para os diversos setores da sociedade brasileira, estimulando o ingresso de novos investidores individuais na bolsa. De 31 de dezembro de 2002 a 30 de junho de 2007, o número de investidores pessoas físicas em nossos mercados passou de 80 mil para 255 mil e o valor médio diário negociado em 2002 por estas pessoas passou de R\$120 milhões para R\$907 milhões e a média dos seis primeiros meses de 2007.

Também faz parte da estratégia da empresa, expandir a participação de investidores individuais de outros estados, além de São Paulo e Rio de Janeiro, onde se concentra a imensa maioria dos já investidores. Abaixo o parágrafo extraído do prospecto, em que a empresa expõe a estratégia de ampliação da atuação nos estados (BOVESPA HOLDING, 2007, p.29):

Ampliar nossa atuação no território nacional. Em consonância com nossa estratégia de elevar o número de investidores individuais, pretendemos manter nossa política de estimular a ampliação da atuação das Instituições Intermediárias no território nacional, principalmente fora dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, região responsável por 42,5% do PIB nacional, segundo o IBGE, mas que representou 80,3% do volume negociado por pessoas físicas em nossos mercados nos seis primeiros meses de 2007. Dentro dessa política, mantemos filiais em cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, Curitiba, Rio de Janeiro, Fortaleza e Recife) e desenvolvemos uma política comercial diferenciada para o acesso das Instituições Intermediárias com o propósito de estimular a sua atuação em mercados com potencial

inexplorado, de modo que se tornem referência do mercado de ações perante os investidores dessas regiões.

2.2.2 PROGRAMAS E INCENTIVOS DE POPULARIZAÇÃO DA BOLSA

2.2.2.1 *BM&FBOVESPA vai até você*

Em atividade desde 2002, o programa foi idealizado para atrair novos públicos à bolsa de valores e difundir informações sobre investimentos. São diversos módulos com recursos específicos para diferentes ambientes e públicos-alvo, como praia, campo, empresas, universidades, Campos do Jordão, judiciário, feiras e exposições. (BM&FBOVESPA, 2013a)

A figura 1 ilustra o exemplo de uma ação na praia, em que uma equipe atende os visitantes, distribui material didático e responde a dúvidas sobre o mercado de capitais.

FIGURA 1 – BM&FBOVESPA VAI ATÉ VOCÊ – MÓDULO PRAIA



Fonte: BM&FBOVESPA (2013a)

2.2.2.2 *Desafio BM&FBOVESPA*

O Desafio BM&FBOVESPA é uma competição educativa entre grupos de alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas do estado de São Paulo, em que "(...) os alunos participantes conhecem o funcionamento do mercado na teoria e

na prática, competindo com outras escolas e concorrendo a prêmios.”
(BM&FBOVESPA, 2013c)

2.2.2.3 Simuladores

A BM&FBOVESPA em conjunto com parceiros, desenvolveu simuladores em que é possível aos investidores entender melhor, por meio da prática, como funcionam os mercados de ações, futuros e títulos públicos.

Os simuladores são:

SimulAção, disponível em <http://www.bmfbovespa.com.br/simulacao>

Folhainvest, disponível em <http://folhainvest.folha.com.br>

UOL Invest, disponível em <http://uolinvest.economia.uol.com.br>

Simulador do Tesouro Direto, em <http://simuladortesourodireto.cbic.com.br>

Simulador Mercados Futuros, disponível em <http://simulador.bmf.com.br>

(BM&FBOVESPA, 2013d)

2.2.2.4 Outros programas e ações da BM&FBOVESPA

Além dos projetos já apresentados, a BM&FBOVESPA possui ainda outras iniciativas que não serão abordadas neste trabalho, mas que também tem como objetivo popularizar o mercado de capitais e disseminar a cultura de educação financeira, como o Projeto Educar, Espaço BM&FBOVESPA e a parceria da bolsa com a ONG Ação Jovem do Mercado Financeiro e de Capitais (AJMC).

2.3 OUTRAS INICIATIVAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Além do excelente trabalho de fomento à educação financeira promovido pela BM&FBOVESPA, existem outras ações com o mesmo objetivo promovidas por

diferentes entidades, como bancos privados e empresas como Serasa Experian¹ e DSOP².

Como destaque figura-se a iniciativa do governo federal de adotar uma estratégia nacional para promover a educação financeira.

2.3.1 ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (ENEF)

O Decreto nº 7.397 de 22 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010; ANEXO A), instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) com o objetivo de “promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores”.

A ENEF propõe ações conjuntas entre instituições públicas e privadas, estabelecendo políticas de caráter permanente por meio de gestão centralizada para estabelecer coerência metodológica entre os programas, e execução descentralizada para abranger toda a população brasileira.

As propostas de atuação se dão: entre crianças e jovens nas escolas, com conteúdo de educação financeira sendo ministrado de maneira multidisciplinar com apoio do Ministério da Educação e Cultura (MEC); entre adultos disseminando informação, utilizando-se diversas formas de comunicação, como internet, rádio, televisão e imprensa escrita.

Desta maneira e com esforço contínuo de longo prazo, o governo espera melhoria na capacitação dos cidadãos para lidar com suas finanças.

A instituição desta estratégia nacional para promoção da educação financeira à população brasileira representa um enorme avanço no sentido da conscientização da importância de se estudar finanças e formar cidadãos aptos a tomar decisões racionais acerca do tema.

¹ Serasa Experian, parte do grupo Experian, é o maior bureau de crédito do mundo fora dos Estados Unidos, detendo o mais extenso banco de dados da América Latina sobre consumidores, empresas e grupos econômicos.

² DSOP Educação Financeira é uma organização dedicada à disseminação da educação financeira no Brasil e no mundo, por meio da aplicação da Metodologia DSOP, criada pelo educador e terapeuta financeiro, Reinaldo Domingos.

3 PERFIL E EVOLUÇÃO DE INVESTIDORES PESSOAS FÍSICAS

A BM&FBOVESPA não disponibiliza o número exato de pessoas que investem individualmente em ações; o histórico disponível é somente do número de contas ativas em corretoras. Por contas ativas entende-se que sejam contas em que há custódia de ativos financeiros passíveis de negociação na bolsa de valores.

O fato de um mesmo indivíduo poder manter mais de uma conta ativa, utilizando diversas corretoras para fazer suas operações e manter seus investimentos faz com que seja difícil estimar o número de brasileiros que de fato investem diretamente no mercado de capitais.

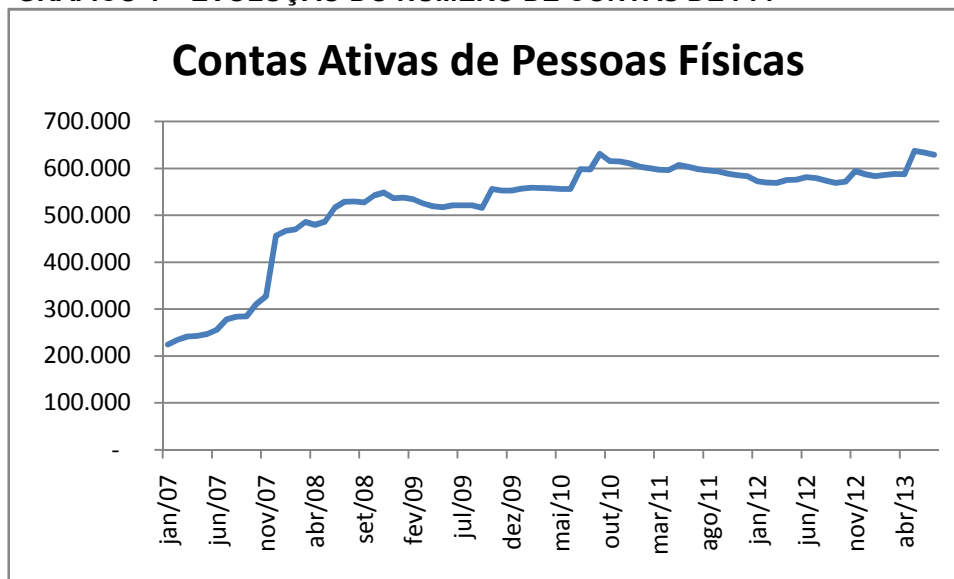
Alguns motivos para um investidor manter mais de uma conta ativa podem ser:

Operar em diferentes mercados, como à vista, futuro, termo e querer segregar o financeiro destas operações; a busca por custos mais baixos em cada mercado, algumas corretoras são líderes de preço em um mercado e não o são em outro ou ainda segregar estratégias de curto e longo prazo, o investidor pode ter uma carteira de investimento que visa o longo prazo em uma corretora e ainda ter uma outra conta em que especula no curto prazo, comprando e vendendo ativos com maior frequência.

Estes são apenas alguns dos motivos que levariam investidores a manter mais de uma conta ativa, com certeza existem outros, portanto, seria bastante interessante se a BM&FBOVESPA disponibilizasse também a estatística do número de investidores pessoas físicas contados por CPF.

O gráfico a seguir mostra a evolução do número de contas ativas de pessoas físicas, de janeiro de 2007 a maio de 2013.

GRÁFICO 1 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE CONTAS DE PF.



Fonte: Adaptado de dados BM&FBOVESPA (2013b)

É possível notar que o número de contas ativas apresentou uma clara tendência de alta do início da contagem até setembro de 2010, quando então passou a oscilar na faixa dos 600 mil.

Percebe-se que nos últimos três anos não houve aumento do número de investidores pessoas físicas, apesar dos esforços de popularização do investimento em renda variável terem se mantido. Este fato evidencia a necessidade de criação de maneiras alternativas de atrair novos investidores para a bolsa.

A tabela a seguir mostra a distribuição dos investidores pessoas físicas da bolsa por faixa etária em relação ao número de contas ativas e valor dos ativos em custódia na data de 31 de julho de 2013:

TABELA 1 – PERFIL PF POR FAIXA ETÁRIA

Perfil PF por Faixa etária	Contas			Valor (R\$ bilhões)			%
	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	
Até 15 anos	1.224	888	2.112	0,32	0,18	0,50	0,47%
De 16 a 25 anos	15.251	3.934	19.185	0,48	0,21	0,70	0,65%
De 26 a 35 anos	106.291	32.220	138.511	3,77	1,34	5,11	4,75%
De 36 a 45 anos	108.391	34.437	142.828	10,40	3,04	13,44	12,48%
De 46 a 55 anos	95.676	34.721	130.397	15,15	4,99	20,14	18,70%
De 56 a 65 anos	78.060	29.891	107.951	18,87	5,40	24,28	22,53%
Maior de 66 anos	63.488	24.396	87.884	33,30	10,26	43,56	40,43%
TOTAL	468.381	160.487	628.868	82,30	25,43	107,73	

Fonte: BM&FBOVESPA (2013b)

Pode-se perceber que a maioria dos investidores está na faixa dos 26 aos 55 anos, porém são as pessoas maiores de 66 anos que apresentam o maior volume financeiro em conta.

Ao se dividir o valor total em reais de cada faixa etária pelo respectivo número de contas abertas teremos:

TABELA 2 – VALOR DE CUSTÓDIA EM CONTA ATIVA POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Valor (R\$ milhares)
<i>Até 15 anos</i>	R\$ 238,80
<i>De 16 a 25 anos</i>	R\$ 36,26
<i>De 26 a 35 anos</i>	R\$ 36,91
<i>De 36 a 45 anos</i>	R\$ 94,12
<i>De 46 a 55 anos</i>	R\$ 154,49
<i>De 56 a 65 anos</i>	R\$ 224,88
<i>Maior de 66 anos</i>	R\$ 495,60
TOTAL	R\$ 171,31

Fonte: Adaptado BM&FBOVESPA (2013b)

A tabela 2 mostra o valor médio que cada conta tem em custódia por faixa etária. Com exceção da faixa “Até 15 anos”, o valor em conta de pessoas físicas cresce à medida que se aumenta a idade do investidor.

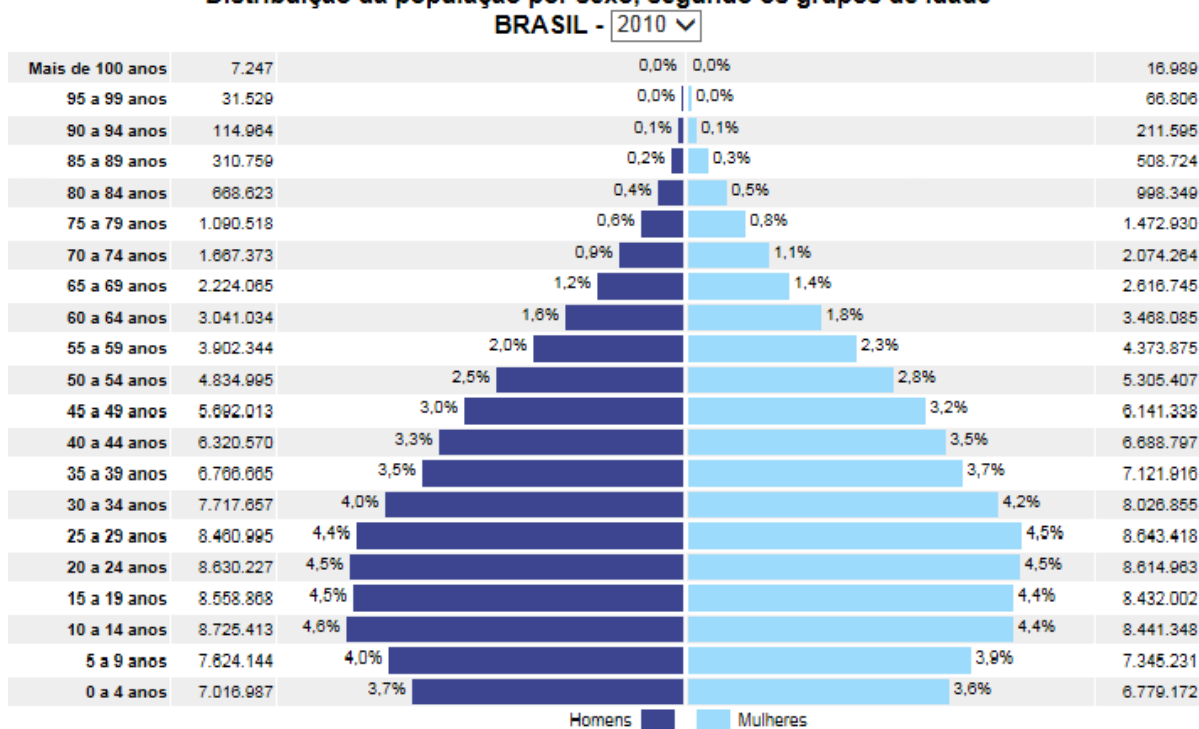
Os jovens de 16 a 25 anos, faixa etária que compreende a maior parte dos universitários, são apenas 19.185 dos 628.868 investidores que havia na bolsa em julho de 2013 ou aproximadamente 3% deste total e representam apenas 0,65% do volume de reais investidos por pessoas físicas na BM&FBOVESPA.

Apesar do baixo volume financeiro dos jovens, pode ser estrategicamente interessante aumentar a participação destes no mercado de capitais, visando mantê-los como investidores por toda a sua vida, sabendo que conforme ficam mais velhos tendem a ter mais recursos investidos.

Na população brasileira, os jovens da citada faixa etária representam aproximadamente 9% do total de indivíduos, como mostra o quadro 1:

GRÁFICO 2 – POPULAÇÃO RESIDENTE, POR SEXO E GRUPOS DE IDADE, NO BRASIL – 2010

Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade



Fonte: IBGE (2010)

Portanto, quando se compara a representatividade dos jovens de aproximadamente 3% na bolsa de valores com o percentual deles na população brasileira, que é por volta de 9%, vemos que existe um grande mercado potencial a ser explorado.

O resultado da pesquisa aplicada com os universitários e entrevistas com os gestores enfatiza possíveis razões da baixa participação do jovem na bolsa: falta de educação financeira, não ter cultura de investimento e a comparação com taxas atraentes na renda fixa que fazem o investimento em renda variável parecer pouco interessante.

Apesar dos citados motivos para a baixa participação, o interesse do jovem pelo mercado de capitais é grande e foi evidenciado pelos resultados da pesquisa de campo realizada com estudantes universitários, disponível no capítulo 7 do presente trabalho.

A partir das informações coletadas e da análise dos resultados obtidos, é possível traçar uma estratégia de popularização para o mercado de capitais,

colocando a educação financeira em evidência a fim de formar investidores conscientes e de longo prazo.

4 A POPULARIZAÇÃO DO MERCADO DE CAPITAIS POR MEIO DAS UNIVERSIDADES

O mercado bancário há alguns percebeu que o jovem poderia ser um cliente que iria gerar boa receita no futuro e por isso valeria a pena fidelizá-lo ainda no período de graduação.

Segundo Silva (2008), análise do banco Santander mostrou que o cliente universitário começa a gerar receita já nos primeiros oito meses de conta e sua renda aumenta à medida que progride nos estudos e no mercado de trabalho. Por isso o banco tem uma divisão universitária que direciona esforços exclusivos para este público visando aumentar sua base de clientes.

A popularização do mercado de ações pode se dar por meio do público universitário, a exemplo do que ocorreu com o mercado bancário que direcionou ações especialmente a este público e criou de agências dentro de instituições de ensino.

A BM&FBOVESPA atua junto ao público universitário por meio de palestras, cursos e também patrocinando salas dentro de instituições de ensino, porém uma ação prática em que os estudantes pudessem ter contato direto com a negociação de ações, ainda não foi executada.

A criação de um escritório de corretora dentro da universidade poderia ser uma forma de atrair o jovem para a bolsa de valores e, com acesso à educação financeira, estes investidores poderiam obter bons conhecimentos para operar ativos mobiliários e fazer deles uma modalidade de investimento que os acompanhe por toda a vida.

A atividade comercial, porém, tem como objetivo a geração de lucro financeiro, enquanto a instituição de ensino objetiva educar seus alunos. Desta forma, é necessário analisar criteriosamente como seria possível lidar com este potencial conflito de interesses.

5 CONFLITO DE AGÊNCIA NA RELAÇÃO PRESTADOR DE SERVIÇO E INSTITUIÇÃO DE ENSINO

O relacionamento de agência é definido por Jensen e Meckling (1976) como um contrato no qual o principal engaja um agente para desempenhar alguma tarefa em seu favor, envolvendo a delegação de autoridade para tomada de decisão pelo agente.

Porém, a separação entre a propriedade e a atividade de gestão pode levar a conflitos. Muitas vezes o agente possui interesses próprios diferentes dos interesses do principal, divergindo em sua tomada de decisão do que seria esperado.

Os acionistas esperam que os executivos contratados maximizem seu lucro, mas os executivos podem estar mais preocupados em melhorar seu bônus, priorizando o resultado imediato, do que em tomar as decisões corretas que maximizariam o lucro e o valor da empresa no longo prazo.

Da ótica do presente trabalho, em que se estuda a viabilidade de iniciativas de popularização do investimento em ações dentro do ambiente de ensino superior, é possível imaginar que haveria possibilidade de conflito de interesse entre um prestador de serviço que visasse o lucro provendo acesso a instrumentos de investimento e a instituição de ensino que tem interesse em promover educação financeira a seus estudantes.

Certamente, diferentes objetivos das partes relacionadas podem levar a conflitos. Portanto, foi objeto de estudo deste trabalho abordar o assunto com gestores do mercado de capitais e da área de ensino para entender como estes enxergam o conflito de interesses em uma ação prática como a criação de um escritório de corretora dentro de faculdades, ou algo similar, e como seria possível minimizar ou controlar conflitos, alinhando interesses em comum.

6 METODOLOGIA

A fim de que se fosse possível atingir os objetivos geral e específicos e responder a questão de pesquisa deste trabalho, além de pesquisa bibliográfica, a investigação se deu em três frentes: questionário com alunos do ensino superior, entrevistas com gestores da área de educação e entrevistas com profissionais do mercado de capitais.

Este esquema serviu de base para possibilitar a análise da viabilidade da criação de uma empresa que ofereça ações numa instituição de ensino superior, considerando a opinião das principais partes envolvidas.

A figura abaixo mostra como cada uma das três frentes de pesquisas de campo realizadas está relacionada com os objetivos específicos a que se pretendeu atingir:

FIGURA 2 – PESQUISAS E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1- Investigar o comportamento e conhecimento de universitários acerca dos temas investimentos e educação financeira;
- 2- investigar se uma ação prática de aproximação com o mercado de capitais, como um escritório de corretora dentro da universidade, seria viável;
- 3- destacar o papel da educação financeira como de máxima importância para atrair e manter o pequeno investidor na bolsa de valores;
- 4- analisar os principais programas e esforços desenvolvidos pela BM&BOVESPA para atrair mais investidores pessoas físicas para o mercado de capitais.



Fonte: Da autora.

6.1 TIPO DE PESQUISA

Segundo Marconi e Lakatos (2010) a pesquisa de campo é utilizada para se obter informações e conhecimentos acerca de um problema ou ainda descobrir fenômenos e relações entre eles, enquanto que a pesquisa bibliográfica permite o exame de toda a bibliografia pública acerca do tema de estudo sob nova abordagem, podendo resultar em novas conclusões.

Foram realizadas pesquisas bibliográfica e de campo do tipo exploratória, a fim de serem extraídas informações que permitissem conclusões sobre a população estudada.

6.2 DELIMITAÇÃO, POPULAÇÃO E AMOSTRA

Fizeram parte das pesquisas: estudantes dos cursos de Administração de Empresas e Economia da FECAP, gestores da área de educação e executivos do mercado de capitais da cidade de São Paulo. Portanto, o estudo está delimitado a esta população.

A amostra da pesquisa com alunos foi probabilística estratificada. A população foi dividida em estratos de onde se selecionou uma amostra aleatória simples, conforme definição de Bolfarine e Bussab (2005).

6.2.1 POPULAÇÃO

A população da pesquisa é composta pelos alunos dos primeiros e oitavos semestres dos cursos de graduação em Administração de Empresas e Economia da Fecap, unidade Liberdade. Foi possível obter acesso aos dados estatísticos por gentileza do Vice – Reitor, Prof. Taiguara Langrafe.

Objetiva-se que a pesquisa tenha validade probabilística e para tanto foi necessário conhecer a população para confeccionar uma amostra estatística.

A população da pesquisa é composta por 351 alunos, sendo 211 homens e 140 mulheres, com idade média de 23,05 anos. Como mostra o quadro a seguir:

QUADRO 3 – UNIVERSO DA PESQUISA

População da Pesquisa	
Alunos	351
Homens	211
Mulheres	140
Idade Média	23,05 anos

Fonte: Da autora

As características dos alunos de Administração de Empresas estão apresentadas a seguir no quadro 4:

QUADRO 4 – ALUNOS DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

1º Sem. Administração		8º Sem. Administração	
Alunos	101	Alunos	177
Homens	55	Homens	97
Mulheres	46	Mulheres	80
Idade Média	21,37 anos	Idade Média	24,05 anos

Fonte: Da autora

Os alunos do curso de Administração de Empresas correspondem a 79% do universo estudado. A seguir, o quadro 5 mostra a distribuição da quantidade de alunos por idade:

QUADRO 5 – NÚMERO DE ALUNOS DE ADMINISTRAÇÃO POR IDADE

1º Semestre Administração														
Idade (Anos)	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
Número de Alunos	3	20	21	10	8	7	4	6	8	3	4	2	2	3

8º Semestre Administração																	
Idade (Anos)	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	31	32	33	38	39	41	43
Número de Alunos	2	49	26	20	20	14	13	9	6	11	1	1	1	1	1	1	1

Fonte: Da autora

As características dos alunos do curso de Economia são apresentadas a seguir no quadro 6:

QUADRO 6 – ALUNOS DE ECONOMIA

1º Sem. Economia	
Alunos	43
Homens	36
Mulheres	7
Idade Média	22,30 anos

Fonte: Da autora.

8º Sem. Economia	
Alunos	30
Homens	23
Mulheres	7
Idade Média	23,87 anos

Os alunos do curso de Economia representam 21% da população estudada. É possível perceber que neste curso a grande maioria dos alunos é do sexo masculino. A distribuição das idades é apresentada no quadro 7:

QUADRO 7 – NÚMERO DE ALUNOS DE ECONOMIA POR IDADE

1º Semestre Economia															
Idade (Anos)	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	30	33	38
Número de Alunos	2	7	7	4	7	1	1	3	2	1	1	1	4	1	1
8º Semestre Economia															
Idade (Anos)	20	21	22	23	24	25	26	27	29	31	33				
Número de Alunos	1	8	5	5	2	2	2	1	1	1	2				

Fonte: Da autora.

6.2.2 AMOSTRA DA PESQUISA SURVEY

A amostra probabilística estratificada possui intencionalmente elementos dos extratos na mesma proporção em que estão na população.

Conforme visto na sessão anterior, a população é composta por dois grandes grupos, alunos de Administração de Empresas e alunos de Economia. Dentro destes grupos, os alunos estão divididos entre primeiro e oitavo semestres e em cada semestre, podemos dividir os integrantes por gênero. O quadro 6 mostra o percentual de cada um destes grupos e subgrupos em relação à população:

QUADRO 8 – PERCENTUAL DOS EXTRATOS EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO

População (%)	Administração (79%)				Economia (21%)			
	1º Semestre (29%)		8º Semestre (50%)		1º Semestre (12%)		8º Semestre (9%)	
	H (16%)	M (13%)	H (28%)	M (23%)	H (10%)	M (2%)	H (7%)	M (2%)
Amostra (n)	5	4	10	8	3	1	2	1

Fonte: Da autora.

No quadro 8 pode-se observar a distribuição percentual por gênero, por semestre, de cada um dos dois cursos que compõem a população. Por exemplo,

temos que 16% da população é composta por homens que estão cursando o primeiro semestre de Administração de Empresas. Desta maneira foi possível determinar como estavam distribuídos os indivíduos que compuseram a amostra.

O número de indivíduos da amostra foi definido em 34 por se tratar de um tamanho razoável para se obter validade estatística, compatível com o percentual de estratificação e conveniente para a pesquisa.

Assim, ao se dividir o tamanho da amostra (34) pelos percentuais de cada estrato, foi possível determinar o número de indivíduos por estrato que compôs a amostra, como está apresentado na última linha do quadro 8.

6.2.3 AMOSTRA DA PESQUISA COM ENTREVISTAS AOS GESTORES

Foram entrevistados três gestores da área de mercado de capitais e três gestores da área acadêmica. Conforme mostram os quadros a seguir:

QUADRO 9 – PERSONALIDADES ENTREVISTADAS

Gestores do Mercado de Capitais		Gestores da Área de Educação	
Gestores	Instituição	Gestores	Instituição
Raymundo Magliano Filho	Ex-presidente Bovespa Diretor Magliano Corretora	Taiguara Langrafe	FECAP
Pedro Lérias	Sócio da Iris Investimentos	William Francini	FEI
Rafael Moreira	Diretor Corretora Walpires	Fabio Gallo	FGV

Fonte: Da autora.

6.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS

A pesquisa survey foi realizada por meio de:

- questionário com perguntas fechadas e de múltipla escolha, direcionadas a alunos de graduação dos cursos de Economia e Administração de Empresas da FECAP;

Uma pesquisa pré-teste foi realizada com um grupo selecionado de pessoas da população, para que fossem averiguadas possíveis falhas como alta

complexidade das questões, linguagem inacessível ou ordem incorreta das perguntas. (MARCONI; LAKATOS, 2010)

Foram feitas entrevistas estruturadas com gestores da área de educação e executivos do mercado de capitais; pesquisa bibliográfica em jornais, revistas, páginas da internet, livros e trabalhos científicos.

6.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Conforme orientam Marconi e Lakatos (2010), após a coleta os dados foram ser selecionados, codificados e tabulados. Após este processo, a análise dos dados se deu por meio da interpretação da tabulação e classificação em subgrupos das respostas dos questionários e entrevistas de modo que fosse possível estabelecer relações e extrair conclusões acerca do tema estudado.

7 PESQUISA *SURVEY* COM ALUNOS

7.1 PRÉ-TESTE

Foi realizada pesquisa do tipo *survey*, com o objetivo de pré-teste do questionário e coleta de indícios de que a realização da pesquisa realmente se justificava, pois existe interesse dos alunos na educação financeira e no investimento em ações.

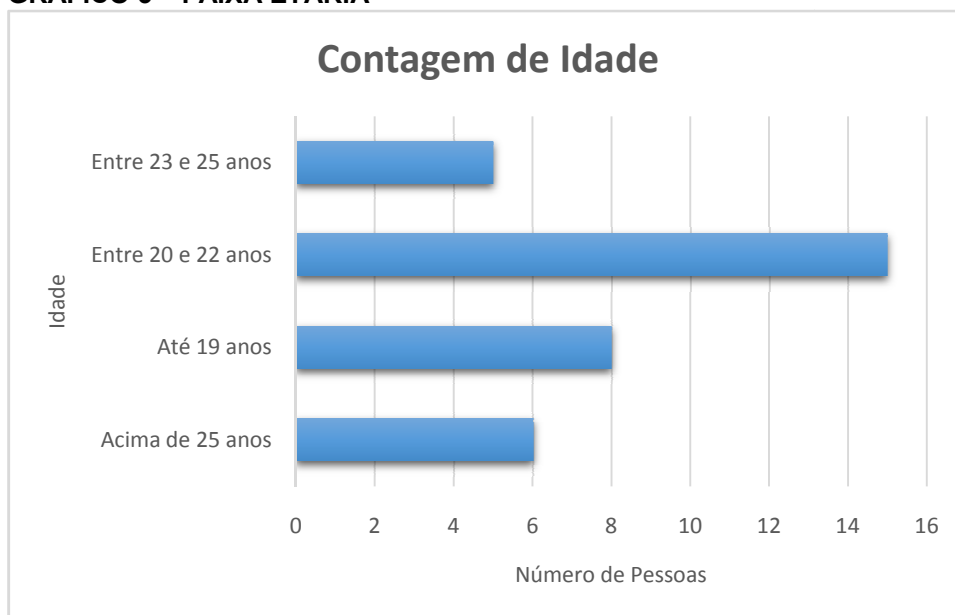
Segundo conceito de Freitas et al. (2000):

A pesquisa *survey* pode ser descrita como a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário.

7.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA COM ALUNOS

A idade da maioria dos alunos pesquisados apresentou-se na faixa etária: “entre 20 a 22 anos”, correspondendo a 44% da amostra, sendo seguida sucessivamente pelas faixas “até 19 anos”, “acima de 25 anos” e “entre 23 e 25 anos”, como mostra a seguir, o gráfico 3.

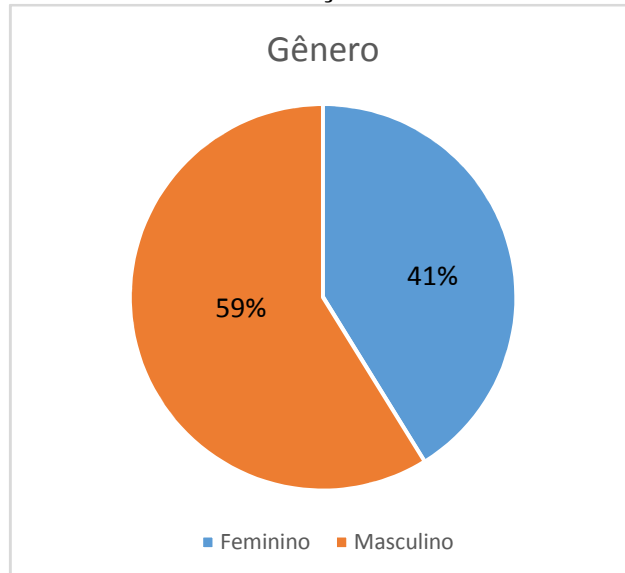
GRÁFICO 3 – FAIXA ETÁRIA



Fonte: Da autora.

O gráfico a seguir mostra a distribuição da amostra por gênero. Homens representam a maioria, com 59% da amostra.

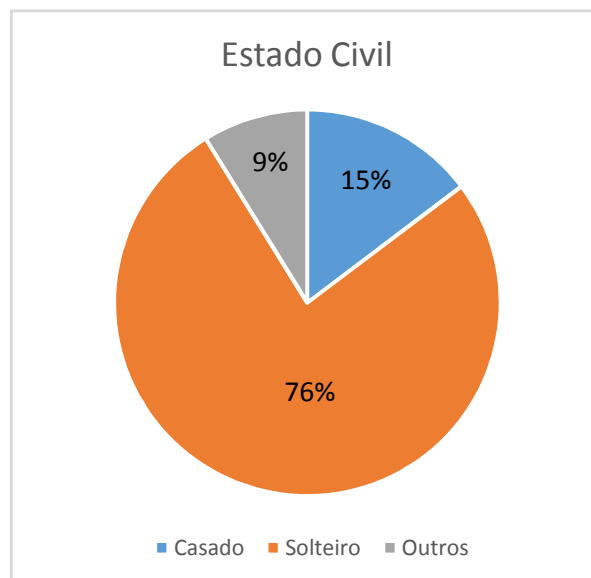
GRÁFICO 4 – DISTRIBUIÇÃO POR GÊNERO



Fonte: Da autora:

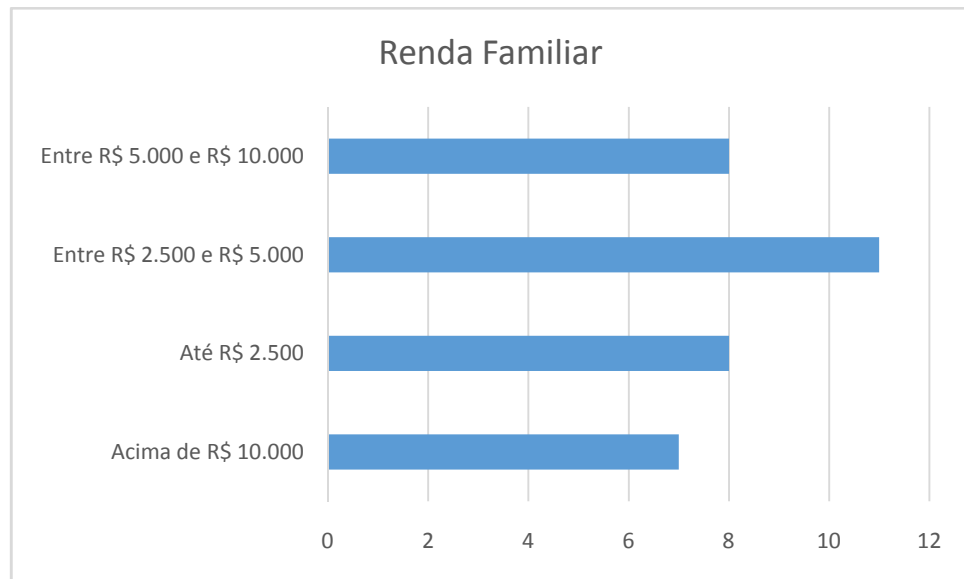
A imensa maioria dos integrantes da amostra é de solteiros (76%) e há presença de 15% de pessoas casadas, como se pode observar no gráfico 5.

GRÁFICO 5 – ESTADO CIVIL



Fonte: Da autora.

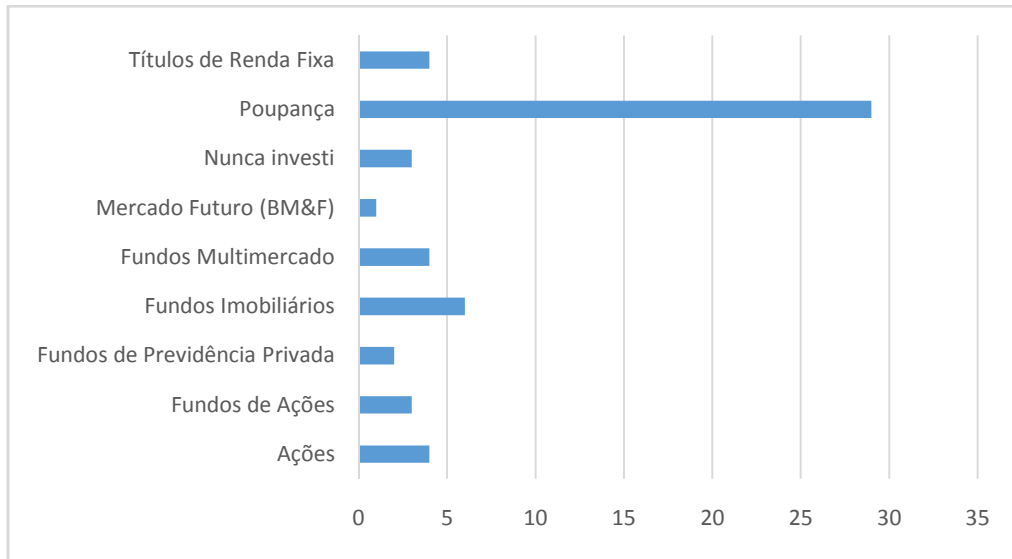
O gráfico 6, a seguir, mostra a renda familiar dos respondentes.

GRÁFICO 6 – RENDA FAMILIAR

Fonte: Da autora.

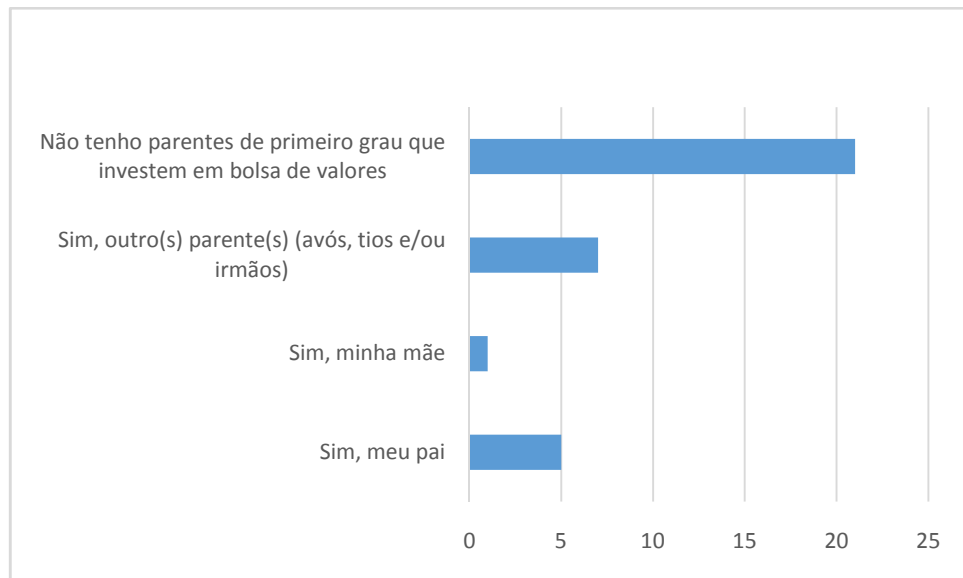
A análise do gráfico 6 permite observar que a maioria dos alunos pesquisados possui renda familiar de até cinco mil reais. Não houve abstenção de resposta a esta questão.

Quando questionado sobre as classes de ativos que o aluno investe ou já investiu, a poupança é o investimento que ganha maior destaque, sendo utilizada por 85% da amostra. O fundo imobiliário é o segundo maior utilizado, correspondendo a 18% dos respondentes, o investimento direto em ações aparece em apenas 12% dos questionários, juntamente com títulos de renda fixa e fundos multimercado, como mostra o gráfico 7.

GRÁFICO 7 – CLASSES DE ATIVOS QUE O ALUNO INVESTE OU JÁ INVESTIU

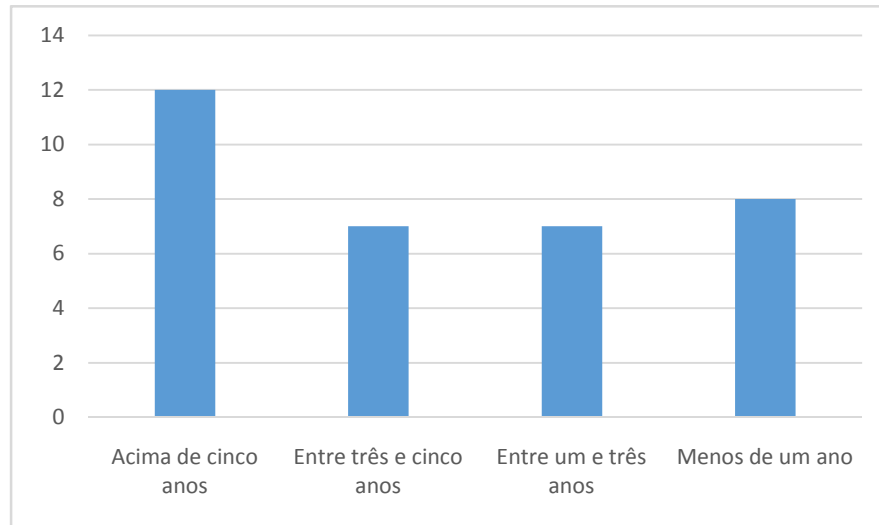
Fonte: Da autora.

A maioria dos universitários pesquisados não tem conhecimento de parentes que investem em bolsa de valores, como mostra o gráfico 8, a seguir.

GRÁFICO 8 – PARENTES QUE INVESTEM EM BOLSA DE VALORES

Fonte: Da autora.

Questionou-se por quanto tempo o aluno manteria seu investimento em ações, as respostas podem ser analisadas no gráfico 9, a seguir:

GRÁFICO 9 – TEMPO EM QUE O UNIVERSITÁRIO MANTERIA O INVESTIMENTO EM AÇÕES

Fonte: Da autora.

Pode-se perceber que a maior parte da amostra manteria o investimento por período acima de cinco anos, o que caracteriza horizonte de longo prazo, propício para o investimento em renda variável.

O quadro 10 mostra quatro afirmações que indicam que o aluno conhece e dá importância ao tema Educação Financeira e espera aprender sobre investimentos no ambiente da faculdade, seja com o conteúdo curricular das disciplinas do curso ou participando de atividades extracurriculares ofertadas:

QUADRO 10 – GRUPO DE AFIRMAÇÕES A FAVOR DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA FACULDADE

Afirmções – Educação Financeira e faculdade	Concordam
Conheço o tema Educação Financeira, acredito que ele tenha grande importância.	94%
Espero que o ambiente da faculdade (eventos, contatos, palestras, atividades curriculares e extracurriculares) seja favorável a aprender a investir meu dinheiro.	100%
As disciplinas de finanças do meu curso contribuem para que eu possa investir na bolsa de valores	79%
Eu gostaria de participar de atividades extracurriculares oferecidas pela instituição que me ensinassem a investir em bolsa de valores	100%

Fonte: Da autora.

Todos os alunos pesquisados esperam aprender sobre investimentos no ambiente da faculdade e 79% concordam que as disciplinas de finanças do curso

contribuem para este conhecimento. Aparentemente existe alguma lacuna entre a expectativa do estudante e o que o curso superior de fato entrega.

A disposição dos alunos em participar de atividades extracurriculares que visam ensinar sobre investimentos e a percepção de que na visão destes o conteúdo do curso não os torna totalmente aptos a investir, torna possível perceber que há demanda para uma iniciativa de educação financeira na faculdade, visando o investimento em bolsa.

O quadro 11 reúne as afirmações que traçam o perfil de investidor dos alunos pesquisados:

QUADRO 11 – GRUPO DE AFIRMAÇÕES SOBRE PERFIL DO INVESTIDOR

Afirmções - Perfil de Investidor	Discordo	Indiferente	Concordo	Não se aplica
Não tenho dependentes financeiros, por isso posso assumir mais riscos com o meu dinheiro.	20%	6%	74%	0%
Já tenho algum patrimônio em investimentos, porque ganhei da família ou recebi de herança.	62%	6%	15%	18%
Antes de comprar ações estudo as empresas e leio análises de especialistas	9%	12%	56%	23%
Se minhas ações caíssem 20% eu venderia toda a minha carteira.	53%	29%	12%	6%
Estou disposto a ter baixa rentabilidade, desde que meu patrimônio esteja preservado e eu não perca o meu poder de compra.	29%	12%	47%	12%
Ao investir em bolsa de valores meu objetivo é/será obter alta rentabilidade, mesmo correndo risco elevado, caso seja necessário.	12%	24%	62%	3%

Fonte: Da autora.

A maioria da amostra não tem dependentes financeiros, o que possibilita a assunção de maior risco, como o investimento em ações. Porém, apenas 15% dos alunos pesquisados declara já ter patrimônio em investimentos.

Metade da amostra estuda e se informa antes de comprar ações e 23% respondeu que a pergunta não se aplica. Essa afirmação poderia ter sido melhor escrita como: “na hipótese de comprar ações, antes eu estudaria as empresas e leria análises de especialistas”. A alteração seria interessante para que se possa abranger as pessoas que ainda não investiram em ações e conhecer elas como se comportariam caso o fizessem.

A maioria dos pesquisados tem certa tolerância a risco, pois uma queda de 20% na carteira de ações não faria 53% dos alunos desfazer-se dela. Corroborando a afirmação anterior, 62% da amostra declara concordar que seu objetivo ao investir em ações será obter alta rentabilidade mesmo que seja necessário correr alto risco.

De maneira contraditória, quase metade da amostra declarou estar disposta a ter baixa rentabilidade se o seu poder de compra estiver preservado, denotando conservadorismo e pouco apetite a risco.

Explicações para a aparente contradição de parte dos indivíduos pesquisados podem ser atribuídas à pouca experiência com o investimento em ações, objetivos de investimento não definidos e falta de educação financeira.

O quadro 12 apresenta os resultados da pesquisa em relação à disciplina e objetivos de investimento:

QUADRO 12 – DISCIPLINA E OBJETIVOS

Afirmações – Disciplina e objetivos	Discordo	Indiferente	Concordo
Pretendo investir pensando em viver de renda na aposentadoria	3%	18%	71%
Tenho a disciplina de guardar dinheiro mensalmente.	9%	0%	91%
Não guardo dinheiro por muito tempo, prefiro investir em mim e gastar com a aquisição de bens ou viagens.	74%	15%	12%

Fonte: Da autora.

Pode-se observar um comportamento próximo da unanimidade com relação à disciplina de guardar dinheiro mensalmente, 91% dos alunos pesquisados mantém o hábito. Quando os pesquisados foram abordados com relação aos objetivos da formação de patrimônio e investimento, o resultado foi que a maioria pretende investir com objetivo de gerar renda na aposentadoria, o que infere um horizonte de investimento de longo prazo. Menos de um quarto da amostra pretende gastar o dinheiro no curto prazo com a aquisição de bens ou viagens.

A informação extraída deste grupo de afirmações ratifica o resultado apresentado no gráfico 8, tempo em que o universitário manteria o investimento em ações, no qual a maioria dos pesquisados declarou que permaneceria com as ações por mais de cinco anos.

O quadro 13, a seguir, apresenta os resultados de afirmações sobre mitos do investimento em ações:

QUADRO 13 – OUTRAS AFIRMAÇÕES

Afirmações – Outras	Discordo	Indiferente	Concordo
Investir na bolsa é algo fácil para mim	44%	18%	38%
Deixo de investir na bolsa por não ter dinheiro suficiente para isso.	32%	18%	50%

Fonte: Da autora.

Concordar com a afirmação de que o investimento em ações é algo fácil, possibilita o entendimento de que o respondente conhece as características do mercado e operacionalizar a compra de ações é procedimento simples para ele. A quase maioria dos respondentes não concorda com a afirmação, o que também salienta que iniciativas que visem ensinar os alunos a investir podem ser bem recebidas.

Chama a atenção o fato de que 38% dos alunos respondeu que concorda com a afirmação. É curioso, pois apenas 12% já investiu em ações, então o que justifica os demais terem opinado de que investir na bolsa é algo fácil para eles?

Uma possível explicação para tal seria o pesquisado acreditar no mito de ganhos extraordinários com “fórmulas mágicas” ou seguindo indicações de gurus de mercado, o que no longo prazo certamente se mostrará um equívoco.

Imaginar que para investir na bolsa de valores é preciso ter muito dinheiro é outro mito bastante comum. Muitas pessoas enxergam o investimento em ações como sendo um mercado destinado a pessoas com grande fortuna, o que não é verdade. Cabe educar financeiramente estes estudantes para que saibam que é possível começar a investir em bolsa de valores com pouco capital, visando acumular patrimônio de longo prazo.

7.3 ANÁLISE POR PONTOS

Foi atribuída pontuação decrescente de 5 a 0 pontos para avaliar o conhecimento e disposição do aluno para o investimento em ações, sendo 5 a maior nota e zero a menor nota. O critério utilizado encontra-se disponível no Apêndice A.

O primeiro quartil, composto pelos nove melhores alunos classificados de toda a amostra, obteve nota média de 3,33 pontos. O quadro a seguir mostra o perfil do grupo:

QUADRO 14 – PRIMEIRO QUARTIL - MELHORES CLASSIFICADOS

Idade	Sexo	Estado Civil	Renda Familiar	Classes de ativos que investe ou investiu	Curso	Semestre	Nota Média
Entre 20 e 22 anos	Masculino	Solteiro	Acima de R\$ 10.000	Poupança, Fundos Imobiliários	Administração	1º	3,53
Entre 20 e 22 anos	Masculino	Solteiro	Entre R\$ 5.000 e R\$ 10.000	Poupança, Títulos de Renda Fixa	Economia	8º	3,37
Acima de 25 anos	Masculino	Casado	Acima de R\$ 10.000	Poupança, Títulos de Renda Fixa, Fundos Multimercado, Fundos de Previdência Privada, Fundos Imobiliários, Ações, Mercado Futuro (BM&F)	Administração	8º	3,37
Acima de 25 anos	Feminino	Casado	Acima de R\$ 10.000	Poupança, Fundos Multimercado, Fundos de Previdência Privada, Fundos Imobiliários, Ações	Administração	8º	3,37
Entre 20 e 22 anos	Feminino	Solteiro	Entre R\$ 2.500 e R\$ 5.000	Poupança	Administração	8º	3,32
Entre 20 e 22 anos	Masculino	Solteiro	Entre R\$ 2.500 e R\$ 5.000	Poupança, Fundos Multimercado, Ações	Economia	8º	3,32
Entre 20 e 22 anos	Masculino	Solteiro	Entre R\$ 2.500 e R\$ 5.000	Poupança, Ações	Administração	8º	3,32
Acima de 25 anos	Feminino	Casado	Entre R\$ 5.000 e R\$ 10.000	Poupança	Administração	8º	3,26
Até 19 anos	Masculino	Solteiro	Até R\$ 2.500	Poupança, Títulos de Renda Fixa, Fundos Imobiliários	Administração	1º	3,11

Fonte: Da autora.

Deste grupo de alunos, a característica que mais chama a atenção é o fato de que os melhores colocados tendem a já ter investido em diferentes modalidades de investimento, enquanto a maioria da amostra investe só em poupança ou nunca investiu. O fato de 78% dos melhores colocados serem do 8º semestre, não é destacável tendo em vista de que estes são também maioria na amostra. Aparentemente, o fato de o aluno estar no início ou fim do curso, estar cursando Economia ou Administração, não interfere em seu conhecimento ou disposição em investir em bolsa de valores.

O quarto quartil obteve nota média de 2,40 pontos. O quadro a seguir apresenta as características desse grupo:

QUADRO 15 – QUARTO QUARTIL – PIORES CLASSIFICADOS

Idade	Sexo	Estado Civil	Renda Familiar	Assinale as classes de ativos que você investe ou investiu (pode assinalar mais de uma opção):	Curso	Semestre	Nota Média
Até 19 anos	Feminino	Solteiro	Até R\$ 2.500	Fundos Imobiliários	Administração	1º	2,22
Até 19 anos	Feminino	Solteiro	Até R\$ 2.500	Nunca investi	Economia	1º	2,32
Entre 20 e 22 anos	Masculino	Solteiro	Acima de R\$ 10.000	Poupança	Administração	1º	2,37
Entre 20 e 22 anos	Feminino	Outros	Entre R\$ 2.500 e R\$ 5.000	Poupança	Administração	1º	2,37
Até 19 anos	Masculino	Solteiro	Acima de R\$ 10.000	Nunca investi	Administração	1º	2,42
Até 19 anos	Masculino	Solteiro	Até R\$ 2.500	Nunca investi	Economia	1º	2,47
Entre 23 e 25 anos	Masculino	Solteiro	Entre R\$ 5.000 e R\$ 10.000	Poupança	Administração	8º	2,47
Entre 23 e 25 anos	Masculino	Solteiro	Entre R\$ 5.000 e R\$ 10.000	Poupança	Administração	8º	2,47
Entre 23 e 25 anos	Masculino	Solteiro	Entre R\$ 2.500 e R\$ 5.000	Poupança	Economia	1º	2,53

Fonte: Da autora.

Ao analisar as informações do quadro 15 é possível perceber que a maioria dos alunos que apresentaram as piores classificações só investiu em poupança ou nunca investiu. Os dados nos levam a crer que o fato de o estudante ter maior ou menor grau de educação financeira está ligado à sua experiência própria com investimentos e não parece ter relação direta com as outras variáveis observadas.

7.4 ANÁLISE POR CURSO E SEMESTRE

A nota média dos alunos que cursam administração é de 2,91 pontos, sendo que os alunos do primeiro semestre obtiveram nota média de 2,70 pontos, enquanto os alunos do oitavo semestre conquistaram média superior, alcançando 3,02 pontos.

Os alunos do curso de Economia obtiveram nota média de 2,81 pontos. No primeiro semestre os alunos atingiram média de 2,58 pontos, enquanto que os alunos do oitavo semestre ficaram com média de 3,12 pontos.

Aparentemente os alunos de Economia ingressam na faculdade com menor conhecimento e disposição para investir em ações e o curso contribui para desenvolver a habilidade para este tipo de investimento, porém o baixo número de indivíduos na amostra não permite que o resultado encontrado seja considerado relevante.

As notas médias dos alunos do curso de Administração podem sugerir também que o aluno adquire conhecimentos e habilidades relacionadas com o investimento em bolsa de valores ao longo do curso.

7.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A SURVEY

Ao analisar as informações extraídas desta pesquisa Survey, pode-se perceber claramente que o aluno dá importância à educação financeira e espera aprender sobre investimentos no ambiente da faculdade. Ele está disposto a cursar atividades extracurriculares porque acredita que o conteúdo do curso superior não atende por completo o volume de conhecimento necessário para investir em ações.

Aparentemente, a maioria dos estudantes ainda não tem patrimônio em investimentos, mas possui disciplina de poupar recursos mensalmente, visando o horizonte de longo prazo e renda para a aposentadoria. Para atingir seus objetivos, o aluno deseja aplicar em ações, mas acredita que ainda não tem dinheiro suficiente para tal.

Como futuro investidor em bolsa de valores, o aluno enxerga a si mesmo estudando as empresas e lendo opiniões de analistas antes de tomar sua decisão, tem tolerância à volatilidade do mercado, aceita correr risco em troca de boa rentabilidade, mas com seu patrimônio preservado se conforma em ter baixa rentabilidade e apenas manter seu poder de compra.

A pesquisa se justificou, tendo em vista a enorme disposição do aluno em conhecer e investir no mercado de ações.

O mercado de potenciais investidores dentro da faculdade se mostra bastante atraente aos estudantes, podendo ser explorado por entidades do mercado de capitais e tendo como principal pilar educar financeiramente os universitários.

8 ENTREVISTAS COM GESTORES

Foram entrevistados três gestores do mercado de capitais e três gestores da área acadêmica, que, juntamente com a pesquisa survey, formam o tripé sobre o qual se está embasado este trabalho.

A opinião técnica dos gestores de empresas do mercado financeiro é muito importante para entender como estes executivos entendem a educação financeira, a importância que dão a ela e se uma iniciativa prática de popularização do investimento em ações em ambiente de ensino superior seria bem vista.

Foram entrevistados³: Sr. Raymundo Magliano Filho, ex-presidente da BM&FBOVESPA, idealizador dos principais programas de popularização do mercado de ações, Bovespa Vai até Você e Mulheres em Ação, atual diretor da Magliano Corretora, corretora de títulos e valores mobiliários; Sr. Pedro Lérias, sócio da Iris Investimentos, gestora de recursos e Sr. Rafael Moreira, diretor da Walpires Corretora, corretora de títulos e valores mobiliários.

Os gestores da área acadêmica têm importante papel no presente trabalho: com sua vasta experiência, puderam conceituar o papel da educação financeira nos currículos dos cursos de Administração e Economia, dar seu entendimento do que pode ser feito com a parceria entre mercado de capitais e instituições de ensino e como possíveis conflitos de interesse poderiam ser contornados.

Foram entrevistados: Sr. Fabio Gallo, professor de finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Sr. William Francini, chefe do departamento de administração da FEI-SP e Sr. Taiguara Langrafe, vice-reitor da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP).

8.1 IMPORTÂNCIA DA POPULARIZAÇÃO DO MERCADO DE CAPITAIS

Os entrevistados enfatizaram a importância da popularização do mercado de capitais para o desenvolvimento e maturidade do brasileiro como investidor, Lérias

³ Todos os entrevistados concordaram em ter seus nomes divulgados na presente dissertação.

destaca que “o brasileiro precisa criar uma cultura de investimento que seja um pouco mais eficiente e inteligente do que simplesmente poupança ou CDB de banco grande”.

A entrada de novos investidores também permite propiciar maior liquidez para o mercado, diminuindo a dependência que atualmente temos do investidor estrangeiro, conforme Lérias “haver outros players é relevante e importante para a liquidez”.

Para Magliano, a bolsa precisa ser democrática para fortalecer a economia produtiva, incentivando as empresas a abrirem o capital, captarem recursos próprios e investirem no país. Para tanto, é necessário “ser transparente, visível e dar acesso”.

Magliano comenta que na época de sua gestão na BOVESPA a ideia era “transformar uma bolsa que era elitista, em uma bolsa popular”. Para tanto a visibilidade foi fator fundamental, a bolsa saiu do “pedestal do 11º andar” e foi visitar as pessoas, com a criação do “Bovespa Vai Até Você”. Nas palavras do então presidente: “no momento em que você se torna visível, você desmistifica que aquilo é a casa de jogo, que aquilo é só para ricos”.

Segundo Magliano havia dois segmentos que não tinham acesso à bolsa: as mulheres e os trabalhadores. As mulheres foram a grande descoberta da estratégia da BOVESPA, quando iniciaram o programa “Mulheres em Ação”:

A cultura está na mulher, quem se preocupa com poupança a longo prazo, e quem se preocupa com a profissionalização dos filhos, geralmente são as mulheres, então nós demos um grande peso, a importância da mulher na bolsa de valores (...) foram elas que falaram: não adianta vocês venderem ações, primeiro é preciso das educação financeira.

Então, a bolsa introduziu o tema educação financeira mais fortemente nos programas de popularização do mercado de capitais como permanece até atualmente.

Em relação ao segmento de trabalhadores, foi criada uma parceria entre capital e trabalho, com o contato do Paulinho da Força, “criou-se o primeiro clube de investimentos com os trabalhadores da Força Sindical”.

Para Magliano a popularização da bolsa teve um grande salto com a disseminação do *Home Broker*, “que é o acesso pela internet, uma maneira democrática, então nós abrimos a bolsa e virou popularização.”

8.2 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA POPULARIZAÇÃO DA BM&FBOVESPA

Quando questionados acerca da importância da educação financeira na popularização da BM&FBOVESPA e do investimento em ações, os entrevistados foram unânimes em afirmar que a educação financeira é de extrema importância e tem um papel fundamental nesta questão.

Segundo Lérias “a educação financeira é primordial, ela precisa começar no primário.” Seguindo o mesmo raciocínio, Moreira lembra que na Coreia a população que investe em bolsa mais que quintuplicou por conta de campanhas de educação financeira desde a infância, “hoje a população que guarda dinheiro e que investe é muito alta, não só em bolsa de valores, mas em fundos, em outros instrumentos também.”

Magliano salienta que o investimento em educação financeira deve ser perene: “a educação financeira deve ser permanente. Tem que gastar uma nota por ano, permanentemente”.

8.3 ENTRAVES À POPULARIZAÇÃO DO INVESTIMENTO EM AÇÕES

Os entrevistados entendem que a cultura e a falta de educação financeira do brasileiro representam os maiores entraves à maior popularização do investimento em ações. Langrafe comenta que a população não tem o hábito de poupar e nem a cultura de investir, além de salientar que “o mercado de capitais normalmente é apresentado como algo super arriscado”. Da mesma forma, Moreira diz: “O brasileiro não é acostumado a poupar dinheiro (...) se ganha R\$100, gasta R\$ 150.” Magliano corrobora afirmando: “o problema é cultural (...), educação é fundamental, sem educação não se desenvolve”.

Além disso, como bem lembra Gallo, “o ambiente econômico no Brasil é muito conturbado”, citando o episódio recente das empresas de Eike Batista que causaram grandes perdas e aversão a risco nos investidores pessoas-físicas.

Ainda em relação ao ambiente econômico, Lérias aponta que:

(...) a gente tem hoje um ambiente de taxa de juros nominal e real ainda muito alto, uma economia que acaba sendo muito indexada e cria um ambiente em que a renda fixa goza de uma rentabilidade tanto nominal quanto real, de uma liquidez, e no final das contas, de uma estabilidade, que dificulta muito você falar de renda variável. Porque a renda variável pressupõe prazo de investimento muito mais longo e pressupõe um nível de risco que o brasileiro ainda não está acostumado.

O intervencionismo do governo é citado por Francini como fator problema à popularização da bolsa, “várias mudanças de regras de curto prazo que afetam negativamente o desempenho da bolsa particularmente, afugentam investidores, então são coisas bastante negativas.”

8.4 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NOS CURSOS SUPERIORES DE ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA

Os gestores da área de educação responderam a questões relacionadas ao papel da faculdade em prover educação financeira aos alunos, também foi perguntado se este conteúdo deveria ser ministrado dentro do currículo ou de maneira extraclasse, se a graduação prepara os estudantes para o investimento em bolsa e se eles acreditam que seria bom haver um programa de educação financeira voltado a investimentos dentro da faculdade.

Langrafe acredita que prover educação financeira é papel não só da faculdade, mas que este tema deveria ser incorporado à educação fundamental e “as faculdades (...) podem dar programas de educação financeira optativas para que os alunos realizem.” Além disso, o vice-reitor afirma que em tese a graduação em Administração e Economia prepara o aluno para investir em bolsa. “O aluno que

aprende os conteúdos, se dedica dentro do que está programado, tem condições de ser um investidor, no mínimo iniciante.”

Gallo e Francini têm opinião bastante semelhante a Langrafe, concordando em relação à educação financeira ser uma necessidade de todos, nos vários níveis escolares e também de que “o conhecimento básico necessário para a pessoa investir em bolsa é dado, com certeza, na graduação”, complementa Gallo.

O professor da FGV complementa falando sobre um problema que é muito discutido: como educar financeiramente os indivíduos:

Não existe pesquisa, no âmbito internacional, indicando que exista melhoria do grau de conhecimento financeiro e de conduta com seu próprio dinheiro de pessoas que tiveram educação financeira na escola. (...) O problema é que no Brasil nós não sabemos ainda qual o efeito da educação financeira, porque não temos história nenhuma de construção de educação financeira no país, por conta também da inflação. Eu sou um dos que aposta que a educação financeira é necessária, nós estamos criando grupos de estudo, estamos desenvolvendo esta disciplina mais fortemente na graduação.

Francini acredita que o conteúdo de educação financeira ministrado no ensino superior pode ser oferecido tanto dentro do currículo como em cursos a parte. Por conta de demanda percebida dos alunos, a FEI pretende ofertar mais disciplinas eletivas na área de finanças.

Aparentemente, há um longo caminho a ser percorrido na construção da educação financeira da população e no entendimento da melhor maneira de se ministrar este conhecimento. Porém, o importante no momento, é que é possível perceber que realmente há preocupação e interesse por parte dos gestores da área acadêmica em relação ao tema.

8.5 CRIAÇÃO DE UM ESCRITÓRIO DE CORRETORA, OU ALGO SIMILAR, DENTRO DE INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Foi questionado aos gestores tanto da área acadêmica como do mercado de capitais, acerca de sua opinião sobre a viabilidade da criação de um escritório de corretora, ou algo similar, dentro de instituição de ensino superior. Pesquisou-se também se os entrevistados vislumbravam algum conflito de interesse nesta parceria e em caso afirmativo, como isto poderia ser contornado.

Em geral os entrevistados se mostraram favoráveis à ideia, porém sempre focando o objetivo de educação financeira como prioridade. Com relação ao conflito de interesse, admitem existir e imaginam que um controle rígido por parte da instituição de ensino e/ou a rotatividade dos prestadores de serviço podem minimizar o problema.

Magliano acha a criação de escritório de corretora dentro de faculdades “uma ideia interessante, porque tudo o que for para desenvolver o conhecimento e o aprendizado, vale a pena.” Porém, cita que em sua percepção, no Brasil, o mundo acadêmico não está muito voltado à realidade do mercado e não sabe se uma faculdade aceitaria a parceria.

Moreira gosta do projeto e não imagina grandes conflitos de interesse, pois salienta que atualmente as corretoras têm outras receitas que não somente a corretagem das operações, receitas provenientes de produtos de investimento como fundos ou títulos públicos. Portanto aliar, o negócio com acompanhamento de educação financeira ao aluno de graduação, parece uma boa ideia. Sua ressalva recai sobre o imediatismo dos executivos de corretora, que talvez não investissem na formação de futuros investidores, pois desejam retorno em horizonte de tempo curto.

Lerias comenta que “talvez a faculdade seja um ponto interessante entre a prática e a teoria” e salienta que a relação comercial é conflituosa por natureza.

Langrafe acha interessante o aprendizado gerado, porém não sabe se a corretora seria a via ou se a melhor maneira de exercitar a prática seria por meio de simuladores. No caso da corretora, a definição do parceiro comercial seria o ponto crucial. Com relação ao conflito de interesse, o vice-reitor não vê problemas desde que haja “contrapartidas com a escola, como apoio em curso de extensão, oferta de palestrantes (...) é necessário balancear (...), para que não fique a oferta simplesmente pela taxa de corretagem, taxa de administração do corretor.”

Gallo já quis criar um clube de investimentos com alunos e professores na PUC-SP e na FGV-SP, na primeira o problema foi a oficialização e na segunda o alto custo relacionado à marca da instituição não atraiu interessados. Apesar do insucesso anterior, o professor acha que esse tipo de ação é positiva e pode ser viável, pois conhece exemplos similares em instituições de ensino no exterior. No

Brasil, acha interessante a criação de um clube de investimentos e apresenta como o imagina:

A ideia seria ser voltado para pessoa física, o grupo teria reuniões periódicas, onde participariam alunos e professores, todos os participantes do clube participariam da discussão e criaríamos grupos para análise, aproveitaríamos isso como parte dos créditos. Os alunos fariam análise de setores, de empresas e discutiríamos onde investir e faríamos as operações através de uma corretora.

Francini apoia a criação de escritório de corretora dentro da faculdade, diz que é uma iniciativa importante e que tem todo o interesse em conhecer melhor o projeto. Assim como Gallo, ele consegue vislumbrar a aplicação de conhecimentos teóricos na prática:

(..) eu acho que os alunos iriam gostar bastante, pode reforçar a questão da pesquisa e conhecimento na área de finanças, e também um vínculo com o desenvolvimento social e econômico, porque essas coisas não necessariamente tem que estar dissociadas, ao contrário, idealmente estarem associadas. Então nós podemos ter um desenvolvimento econômico sim, sem dúvidas, mas com desenvolvimento social simultaneamente. Nesse ponto aí há uma convergência de interesse fortes, certamente a gente vai ter o apoio da instituição.

8.6 ESTABILIDADE E RETOMADA DA POPULARIZAÇÃO DA BM&FBOVESPA

Desde o ano de 2010 se tem observado que o número de investidores pessoas-físicas manteve-se estável na faixa dos 600 mil, após forte alta ocorrida entre 2003 e 2008. Foi perguntado aos entrevistados a que eles atribuíam esta estabilidade e o que seria necessário ser feito para que a popularização do mercado de capitais fosse retomada.

Magliano, que esteve à frente da BOVESPA na época do grande crescimento do número de investidores, atribui a enorme popularização da bolsa em seu período como presidente, aos programas de popularização implantados e também à sorte de o mercado de capitais ter tido um bom momento, com alta das ações e muitas empresas abrindo o capital, “você precisa ter o senso de oportunidade concomitantemente com as condições.”

O ex-presidente da BOVESPA acredita que a bolsa tornou-se elitista novamente, para retomar o crescimento do número de investidores individuais, ela precisaria se popularizar outra vez, ter mais transparência, “dar mais acesso às

mulheres, trabalhadores, voltar esse trabalho”, o caminho é investir em educação financeira, independentemente do momento do mercado, deve ser um plano para as próximas gerações, “criar uma cultura”.

Da mesma forma, Moreira e Lérias também atribuem boa parte do motivo da estabilidade do número de investidores ao mau momento do mercado. Lérias: “Eu acho que tem uma ligação certamente ao desempenho de mercado. (...) Mas para mim a estabilidade me parece bom, eu esperava que tivessem uma queda.”

Para a retomada do ingresso de investidores, Moreira acha que deveriam haver mais entradas de empresas na bolsa, o que atrairia pessoas para o investimento.

Já Lérias, diz que além de ser necessário resolver algumas questões estruturais, como ter um ambiente estável e com taxas de juros baixas, é preciso que o indivíduo reconheça a necessidade dele de investir. É preciso ter educação maior em todas as escalas, tanto para quem compra ações ou produtos de investimento como para quem vende.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos dez anos, o mercado de capitais brasileiro passou por mudanças bastante significativas: iniciando de maneira excelente, com forte alta e entrada de novos investidores; houve a desmutualização e fusão da BOVESPA e da BM&F, e o país recebeu o grau de investimento das principais agências mundiais de *rating*.

Em 2008, ocorreu uma mudança no cenário de negócios com a crise financeira mundial, as ações caíram de maneira quase que generalizada, houve períodos de pânico entre investidores, o que chegou a acarretar a interrupção das negociações em alguns pregões; o ano seguinte, 2009, foi de forte alta para a bolsa de ações brasileira, levando a crer que o bom momento do mercado havia voltado. Porém, em seguida, vivemos de 2010 até o presente momento, grande período de incerteza, desvalorização de ações, incluindo grandes empresas como Vale e Petrobrás, piora da imagem do país internacionalmente e até rumores de que podemos perder o grau de investimento recentemente conquistado.

Todas essas mudanças e diferentes momentos vividos pelo mercado na última década, atraíram a atenção da população em geral para o mercado de capitais, seja na época da alta das ações, seja na crise e nos períodos de queda, o fato é que a bolsa de valores tem sido bastante comentada e atraído o interesse popular.

Apesar do ingresso de centenas de milhares de investidores pessoas físicas na bolsa até o ano de 2010, à partir de então temos visto uma estabilidade deste número, o que mostra a necessidade da criação de novos programas e iniciativas de popularização do investimento em ações.

A percepção desta necessidade fez surgir a ideia da questão de pesquisa do presente trabalho: investigar quais são os requisitos necessários, sob o ponto de vista da educação financeira, para que seja criada uma iniciativa de popularização do investimento em ações entre os estudantes universitários.

A pesquisa realizada com alunos do ensino superior dos cursos de Administração e Economia mostrou que estes jovens estão bastante dispostos a

aprender sobre o mercado de ações e abertos à iniciativas da faculdade que visem promover educação financeira.

Por meio das entrevistas com gestores da área acadêmica, foi possível perceber que uma ação prática de popularização do mercado de capitais dentro do ambiente educacional, como a criação de um escritório de corretora ou um clube de investimentos, seria, em princípio, bem recebida.

Há ressalvas com relação ao possível conflito de interesse entre a prática comercial do prestador de serviço e a intensão de fomentar o aprendizado dos alunos por parte da instituição de ensino.

Este conflito, porém, pode ser contornado aliando as atividades práticas ao conteúdo educacional, sempre orientados e supervisionados por professores. Foi sugerido também, o rodízio de prestadores de serviço e a oferta de contrapartida por parte da empresa, ofertando profissionais para ministrar palestras aos alunos.

Os gestores do mercado de capitais também se mostraram favoráveis à ideia da ação prática de popularização da bolsa dentre os estudantes universitários e reconhecem a importância da educação financeira na formação de novos investidores.

Portanto, respondendo à questão de pesquisa e objetivo geral: há claro interesse dos alunos em aprender educação financeira; a criação de um escritório de corretora, ou similar, dentro de faculdades foi bem recebida tanto por gestores da área educacional quanto do mercado de capitais, tendo como principal requisito aliar a prática financeira à teoria ministrada pela academia.

Os objetivos específicos foram alcançados com as pesquisas bibliográfica e de campo, os resultados foram descritos ao longo do trabalho, mostrando o comportamento, conhecimento e interesse dos estudantes universitários sobre os temas de investimento e educação financeira; destacando o papel da educação financeira como de máxima importância para atrair e reter o pequeno investidor na bolsa de valores e apresentando os principais programas de popularização do mercado de capitais desenvolvidos pela BM&FBOVESPA.

Como sugestão para novos trabalhos acerca do tema abordado, seria interessante estudar a viabilidade financeira da criação do escritório de corretora dentro de uma instituição de ensino por meio de um plano de negócios.

Sugere-se também o mapeamento e análise dos programas ligados à ENEF que já estão implantados no país.

Pretende-se que esta dissertação de mestrado norteie ações de popularização, tanto por parte da BM&FBOVESPA como também de corretoras de valores e agentes de investimentos, enfatizando a enorme importância de prover educação financeira à população para que possamos ter no Brasil investidores conscientes e cultura de poupança de longo prazo, sobretudo junto ao público universitário que é uma parcela da população estratégica no desenvolvimento do mercado de capitais no país.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL - BACEN. **Programa de educação financeira**. [2013] Disponível em: <<http://www.bacen.gov.br/?BCEDFIN>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

BM&FBOVESPA. **BM&FBOVESPA vai até você**. [2013a]. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/iniciativas/bmfbovespa-vai-ate-voce.aspx?idioma=pt-br>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

_____. **Dados de Mercado: histórico pessoas físicas**. 2013b. Disponível em: <<http://bmfbovespa.comuniquese.com.br/listgroup.aspx?idCanal=xK1ESLWw+XZhfLpAxA+gQ==>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

_____. **Desafio BM&FBOVESPA**. [2013c]. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/iniciativas/desafio-bmfbovespa.aspx?Idioma=pt-br>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

_____. **Simuladores da Bolsa**. [2013d]. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/simuladores/simuladores.aspx?idioma=pt-br>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. **Elementos de amostragem**. São Paulo: Editora Blucher, 2005. 274 p.

BOVESPA HOLDING. **Prospecto definitivo de oferta pública inicial de distribuição secundária de ações ordinárias de emissão da Bovespa Holding S.A.** 2007. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/mercados/download/Bovespa-Prospecto-19112007.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

BRASIL. **Constituição da Republica Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 set. 2013.

_____. **Decreto nº 7.397**, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm>. Acesso em: 20 nov. 2013.

CERBASI, G.; BARBOSA, C. **Mais tempo, mais dinheiro**: estratégias para uma vida mais equilibrada. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2009.

ÉPOCA NEGÓCIOS ONLINE. **BM&FBovespa quer ampliar número de investidores em dez vezes até 2014**. 2009. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI84024-16359,00-BMFBOVESPA+QUER+AMPLIAR+NUMERO+DE+INVESTIDORES+EM+DEZ+VEZES+ATE.html>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

FREITAS, H. et al. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 105-112, jul./set. 2000.

HAIR JUNIOR, J. F. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

IBGE. **Censo 2010**: 1.12 - População residente, por sexo e grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação – 2010. [2012] Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12&uf=00>>. Acesso em: 29 ago. 2013.

JENSEN, M., MECKLING, W. Theory of the firm: managerial behavior, agency costs and ownership structure. **Journal of Financial Economics**, Amsterdam. v. 3, n. 4, p. 305-360, Oct. 1976.

KIYOSAKI, R. T.; LECHTER, S. L. **Pai rico pai pobre**: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. 54. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PILETTI, N. **História da educação no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994

REVISTA BOVESPA. São Paulo: Bm&fbovespa, ed. out./dez. 2007.

ROCHMAN, Ricardo R. Analfabetismo Financeiro. **GVexecutivo**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 16, jan./fev. 2009.

SAITO, A. T. **Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil**. 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas)- FEA-USP, São Paulo, 2007.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública - RAP**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p.1121-1141, nov./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v41n6/06.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

SILVA, C. O. E. **Público universitário no setor bancário: conquista de clientes**. 2008. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) - Complexo De Ensino Superior De Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SILVA, E. L.; MIRANDA, J. J.; HOUNSELL, M. S. **Diferenças entre educação e treinamento em ambientes virtuais 3D**. [2013]. Disponível em: <<http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/svr/2007/0047.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.

SILVA, L. E. C. **O mercado de ações no Brasil: determinantes da expansão recente**. São Paulo: PUC/SP, 2007.

SOUZA, D. P. **A importância da educação financeira infantil**. 2012. 76 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Contábeis) - Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, 2012.

VIDA & DINHEIRO. **O que é ENEF**. [2013]. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/Enef/>>. Acesso em: 08 fev. 2014.

WORLD FEDERATION OF EXCHANGES – WFE. **2012 WFE Market Highlights**. [2013]. Disponível em: <<http://www.world-exchanges.org/files/statistics/2012%20WFE%20Market%20Highlights.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

WISNIEWSKI, M. L. G. A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. **Revista Intersaberes**, Curitiba, n. 12, p.155-172, 2010.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA (1º E 8º SEMESTRES)

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO SUPERIOR: POPULARIZAÇÃO DA BM&FBOVESPA

Este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar o nível de educação financeira dos alunos do curso de Administração e Economia da FECAP. As informações obtidas por intermédio desta pesquisa serão confidenciais.

- 1) **Idade:** () até 19 anos () Entre 20 anos e 22 anos () Entre 23 anos e 25 anos () Acima de 25 anos
 2) **Sexo:** () Masculino () Feminino
 3) **Estado Civil:** () Solteiro () Casado () Separado () Outros
 4) **Renda Familiar:** () Até R\$ 2.500 () Entre R\$ 2.500 e R\$ 5.000 () Entre R\$ 5.000 e R\$ 10.000 () Acima de R\$ 10.000

5) **Assinale as classes de ativos que você investe ou investiu (pode assinalar mais de uma opção):**

() Poupança () Títulos de Renda Fixa () Fundos de Renda Fixa () Fundos Multimercado () Fundos de Ações () Fundos de Previdência Privada () Fundos Imobiliários () Ações () Mercado Futuro (BM&F) () Derivativos () Nunca investi

6) **Considerando-se seus parentes (avós, pai, mãe, tios e/ou irmãos) algum deles investe em bolsa de valores?**

- () Não tenho parentes de primeiro grau que investem em bolsa de valores
 () Sim, meu pai
 () Sim, minha mãe
 () Sim, meu pai e minha mãe
 () Sim, outro(s) parente(s) (avós, tios e/ou irmãos)

7) **Se você investir em ações, por quanto tempo manteria seu investimento?**

- () Menos de um ano
 () Entre um e três anos
 () Entre três e cinco anos
 () Acima de cinco anos

Em relação às afirmações a seguir, selecione a opção de sua preferência:

1 - Discordo Plenamente	2 - Discordo	3 - Discordo Parcialmente	4 - Indiferente	5 - Concordo Parcialmente	6 - Concordo	7 - Concordo Plenamente	8 – Não se aplica
-------------------------	--------------	---------------------------	-----------------	---------------------------	--------------	-------------------------	-------------------

AFIRMAÇÕES	Discordo		Indiferente		Concordo		Não se aplica	
	Plenamente				Plenamente			
(8) Conheço o tema Educação Financeira, acredito que ele tenha grande importância.	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(9) Espero que o ambiente da faculdade (eventos, contatos, palestras, atividades curriculares e extracurriculares) seja favorável a aprender a investir meu dinheiro.	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(10) As disciplinas de finanças do meu curso contribuem para que eu possa investir na bolsa de valores	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(11) Eu gostaria de participar de atividades extracurriculares oferecidas pela instituição que me ensinassem a investir em bolsa de valores	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(12) Pretendo investir pensando em viver de renda na aposentadoria	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(13) Investir na bolsa é algo fácil para mim	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(14) Não tenho dependentes financeiros, por isso posso assumir mais riscos com o meu dinheiro.	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(15) Tenho a disciplina de guardar dinheiro mensalmente.	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(16) Já tenho algum patrimônio em investimentos, porque ganhei da família ou recebi de herança.	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(17) Deixo de investir na bolsa por não ter dinheiro suficiente para isso.	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(18) Não guardo dinheiro por muito tempo, prefiro investir em mim e gastar com a aquisição de bens ou viagens.	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(19) Antes de comprar ações estudo as empresas e leio análises de especialistas	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(20) Estou disposto a ter baixa rentabilidade, desde que meu patrimônio esteja preservado e eu não perca o meu poder de compra.	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(21) Se minhas ações caíssem 20% eu venderia toda a minha carteira.	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)
(22) Ao investir em bolsa de valores meu objetivo é/será obter alta rentabilidade, mesmo correndo risco elevado, caso seja necessário.	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)

23) RA aluno: _____ 24) E-mail: _____

APÊNDICE B – TABELA DE PONTOS – ANÁLISE DA PESQUISA SURVEY

Perguntas	5 pontos	4 pontos	3 pontos	2 pontos	1 ponto
4) Renda Familiar	Acima de R\$ 10.000	Entre R\$ 5.000 e R\$ 10.000	Entre R\$ 2.500 e R\$ 5.000	Até R\$ 2.500	
5) Assinale as classes de ativos que você investe ou investiu (pode assinalar mais de uma opção):	Ações	4 ou mais produtos; Fundos de Ações	3 produtos	2 produtos	1 produto
6) Considerando-se seus parentes (avós, pai, mãe, tios e/ou irmãos) algum deles investe em bolsa de valores?	Sim, meu pai e minha mãe	Sim, meu pai/ Sim, minha mãe	Sim, outro(s) parente(s) (avós, tios e/ou irmãos)		
7) Se você investir em ações, por quanto tempo manteria seu investimento?	Acima de cinco anos	Entre três e cinco anos	Entre um e três anos	Menos de um ano	
8) Conheço o tema Educação Financeira, acredito que ele tenha grande importância.	Concordo Plenamente	Concordo	Concordo Parcialmente		
9) Espero que o ambiente da faculdade (eventos, contatos, palestras, atividades curriculares e extracurriculares) seja favorável a aprender a investir meu dinheiro.	Concordo Plenamente	Concordo	Concordo Parcialmente	Indiferente	
10) As disciplinas de finanças do meu curso contribuem para que eu possa investir na bolsa de valores	Concordo Plenamente	Concordo	Concordo Parcialmente	Indiferente	
11) Eu gostaria de participar de atividades extracurriculares oferecidas pela instituição que me ensinassem a investir em bolsa de valores	Concordo Plenamente	Concordo	Concordo Parcialmente	Indiferente	
12) Pretendo investir pensando em viver de renda na aposentadoria	Concordo Plenamente	Concordo	Concordo Parcialmente	Indiferente	
13) Investir na bolsa é algo fácil para mim	Concordo Plenamente	Concordo	Concordo Parcialmente	Indiferente	Discordo Parcialmente
14) Não tenho dependentes financeiros, por isso posso assumir mais riscos com o meu dinheiro.	Concordo Plenamente	Concordo	Concordo Parcialmente	Indiferente	Discordo Parcialmente
15) Tenho a disciplina de guardar dinheiro mensal.	Concordo Plenamente	Concordo	Concordo Parcialmente	Indiferente	Discordo Parcialmente
16) Já tenho algum patrimônio em investimentos, porque ganhei da família ou recebi de herança.	Concordo Plenamente	Concordo	Concordo Parcialmente	Indiferente	Discordo Parcialmente
17) Deixo de investir na bolsa por não ter dinheiro suficiente para isso.	Discordo Plenamente	Discordo	Discordo Parcialmente	Indiferente	Concordo Parcialmente
18) Não guardo dinheiro por muito tempo, prefiro investir em mim e gastar com a aquisição de bens ou viagens.	Discordo Plenamente	Discordo	Discordo Parcialmente	Indiferente	Concordo Parcialmente
19) Antes de comprar ações estudo as empresas e leio análises de especialistas	Concordo Plenamente	Concordo	Concordo Parcialmente	Não se Aplica	Indiferente
20) Estou disposto a ter baixa rentabilidade, desde que meu patrimônio esteja preservado e eu não perca o meu poder de compra.	Discordo Plenamente	Discordo	Discordo Parcialmente	Indiferente	Concordo Parcialmente
21) Se minhas ações caíssem 20% eu venderia toda a minha carteira.	Discordo Plenamente	Discordo	Discordo Parcialmente	Indiferente	Concordo Parcialmente
22) Ao investir em bolsa de valores meu objetivo é/será obter alta rentabilidade, mesmo correndo risco elevado, caso seja necessário.	Concordo Plenamente	Concordo	Concordo Parcialmente	Indiferente	Discordo Parcialmente

APÊNDICE C – ENTREVISTAS COM GESTORES DO MERCADO DE CAPITALS

Transcrição da entrevista com o Sr. Raymundo Magliano Filho, ex-presidente BM&FBOVESPA e atual diretor da Magliano Corretora.

O senhor considera importante a popularização do mercado de capitais? Porquê?

Deixe eu fazer um preâmbulo talvez ajude no seu raciocínio. Acontece o seguinte, há 40 anos que eu estudo filosofia, tenho aula particular de filosofia e me ajudou muito não só para você começar a pensar e refletir, como também na vida prática, então na hora que assumi a bolsa (BOVESPA), a ideia nossa, de todos nós lá, era transformar uma bolsa que era elitista, em uma bolsa popular, então é uma grande transformação porque realmente toda a estrutura da bolsa, era uma bolsa elitista que se preocupava só com grandes aplicadores, aplicadores internacionais, e esse não é o caminho, a bolsa dessa maneira, não é sustentável, ela precisa se democratizar.

Então eu usei, muitos pensamentos de um grande filósofo Italiano, que se chama Norberto Bobbio, é um grande filósofo Italiano, um homem que estudou muito a democracia, direitos humanos, estudou muito a igualdade, todos esses fatores importantes, e um ponto que eu peguei de um livro dele que eu achei genial, principalmente no futuro da democracia, é o seguinte: “Você precisa ser transparente, visível e dar acesso.” Então a bolsa não tinha essas características para você transformar em uma bolsa democrática. Então nós entramos com algumas ações para transformar a bolsa em uma bolsa democrática, primeiro que a bolsa não era transparente, aquilo que existia dentro dela, ela tinha aquele pregão todo dia que saía, então mas por si só, ela não tinha uma transparência para a sociedade, como uma entidade, apesar que ela ser uma entidade particular, mas tinha uma função pública muito grande, era fundamental para a sociedade.

Depois que entra a parte mais importante para você, é a questão da visibilidade, o Bobbio diz o seguinte, é interessante essa definição dele, o que é visibilidade? É a menor distância entre o governante e o governado, então o que nós fizemos? Saindo do pedestal do 11º andar da bolsa e fomos visitar todas as pessoas, principalmente por intermédio daquele Bovespa móvel, que visitamos nas faculdades, visitamos o sindicato, “Bovespa vai à praia”, todos esses lugares nós fizemos. Mas é fundamental essa visão dele, porque você chega junto à pessoa e no momento em que você se torna visível, você desmistifica que aquilo é a casa de jogo, que aquilo é só para ricos, não, nós fomos à praia, como fizemos naquele programa, é um conceito formidável de marketing e tal.

Fomos para a praia, eu fui ao primeiro dia lá, e começamos a falar nos guarda-sóis sobre a bolsa, foi em negócio até engraçado a repercussão, estou falando só como curiosidade.

Foi a primeira vez que eu saí, acho que nunca mais eu sai, no Washington Post, primeira página, Bovespa, eu de bermuda, presidente da bolsa, indo falar, vender a bolsa, então se quebrou realmente, esse mito, que a bolsa é só para rico, que a bolsa é um cassino e tal, então isso foi muito importante, fomos para o

sindicato, montamos as escolas dentro do sindicato, para explicar para o trabalhador, não para vender ações, isso é conservar a legitimidade. Então esse processo de popularização estava muito embasado na teoria do Bobbio, ele nunca estudou economia, até quando nós fundamos aquele Instituto Bobbio, o filho dele disse: "Ah o meu pai nunca falou sobre economia." Respondi: "O seu pai nunca falou, mas os conceitos democráticos, foram aquilo que nós aplicamos."

Aí, quando aplicamos a questão do acesso, dois seguimentos do mercado que não tinham um acesso a bolsa, primeiro: são as mulheres, então nós iniciamos aquele programa, "Mulheres em ação", contratamos duas senhoras e elas começaram a difundir o mercado de capitais, digo com toda sinceridade, melhor coisa é mulher, o homem está fora do *game*, a mulher é muito melhor, tem muito mais disciplina, ela tem um senso de sentimento, ela dá um tom diferente. O homem é muito pragmático, é muito racional, e a mulher dá o tom, então nós demos um tom, nessa questão da popularização com as mulheres. Olha, elas eram o diabo, aqui no Brasil, foram até para a Suíça, o mérito é delas, elas que falaram, não adianta vocês venderem ações de primeira precisar dar educação financeira, as mulheres que deram isso.

Então nós introduzimos a educação, e tal e tal. O outro seguimento de mercado importantíssimo que nós vimos, estava aliado do processo, foram os trabalhadores, então o que nós fizemos? Tivemos contato com o Paulinho da Força Sindical, e daí nós entramos com os trabalhadores, criou-se o primeiro clube de investimentos com os trabalhadores na Força Sindical, e fizemos uma parceria, capital e trabalho. No momento em que você faz uma parceria capital e trabalho, você não tem mais nada contra você, toda a sociedade começa a ser parceira, as mulheres, o sindicato, recriamos a questão do *Home Broker*, que é o acesso pela internet, é uma maneira democrática, então nós abrimos a bolsa, de uma forma democrática, e virou popularização.

Você chegar junto das pessoas, você falar, ser transparente, você desmistificar, isso tem um valor enorme, porque na hora que você olha no olho do sujeito, o cara vê que é verdade, porque é um instrumento de fazer uma poupança a longo prazo. Vimos uma coisa fundamental, em uma pesquisa que nós fizemos com todas as mulheres do Brasil, que realmente, quem decide o futuro dos filhos e tal, é tudo incumbido pelas mulheres, a cultura da família, onde é que está? A cultura está na mulher, quem se preocupa com poupança a longo prazo, e quem se preocupa com a profissionalização dos filhos, geralmente são as mulheres, então nós demos um grande peso, a importância da mulher na bolsa de valores.

Então fizemos todo esse programa de popularização, fomos lá para Carajás, tem até um livro sobre isso. Tem um trem, que sai lá do São Luiz e vai até Carajás, puseram um cineminha lá no trem, e todas as pessoas que iam entrando, iam tendo aula de mercado de capitais, foi um negócio muito legal, então chegaram lá, foram criados 4 clubes de investimento, lá em Carajás. Então, fizeram um trabalho muito grande, interiorização, foi por todo interior, essas câmaras municipais, fizemos um acordo aí com um negócio da Prefeitura, esqueci o nome, não me lembro agora, mas era um órgão da Prefeitura, acho que era do Estado, então nós fizemos uma parceria com eles, nós fomos em todas as câmaras, Bauru, fomos em várias, Araraquara e tudo, o prefeito, muito engraçado lá, o Prefeito me recebia: "Vossa excelência." Eu não sou excelência nenhuma. A gente fazia exposição da bolsa, é importante, então o negócio "pegou fogo" mesmo.

Mas é sempre nesse tripé, transparência, visibilidade e acesso, esse é o tema básico, para você fazer a popularização, se você não tiver isso, se você não for democrático, não adianta porque você não vai criar aquilo que é necessário, a legitimidade, que é o reconhecimento dos outros de que você é uma instituição importante para a sociedade, então tem muito disso, tem muito dessa parte da filosofia. E dentro da bolsa, falando um pouquinho mais para você, nós usamos, uma grande ideia, de um grande filósofo Italiano, chama-se Antônio Gramsci, comunista, comunista é comunista, eu não, eu sou liberal, mas o cara tem uma ideia genial, qual seja a ideia dele, ele diz o seguinte: o Marx se preocupou com o seguinte: “Se eu mudar as relações econômicas, eu mudo a sociedade.”

Isso não aconteceu, eles mudaram as relações econômicas da Rússia, foi dar dinheiro pra fora. O que você precisa mudar é o sistema cultural e os valores. Então foi isso que nós implantamos na bolsa, para os funcionários, todas as nossas ações tem que ser visíveis, transparentes, tem que ter acesso, tem que ser democrata, então nós mudamos a cultura da bolsa, que essa foi a grande, que nós chamamos lá na bolsa, a revolução silenciosa, que foi feita. E depois disso nós mudamos para a sociedade, olha, a bolsa é instrumento de poupança a longo prazo, não para cassino, casa de jogo e tal. Então, essa é uma mudança cultural.

Na hora em que você consegue fazer a mudança cultural, essa é permanente, lógico que agora o negócio está ruim, a bolsa está ruim, muita gente sabe, mas essa mudança cultural é permanente, então nós usamos muito isso também, essa ideia do Antônio Gramsci, que é um marxista, ficou trinta e tantos anos preso, coitado, era um craque, o livro dele... Aliás eu vou editar um livro, vou te convidar, daqui a Março eu vou editar, vai estar tudo no livro essa parte aí. Então é mais ou menos isso o que aconteceu na bolsa em termos de transformação... não sei se isso te interessa.

Interessa, com certeza, foram um grande sucesso os programas que o senhor implantou.

Graças a Deus ficou muito bom, o pessoal trabalhou muito bem na bolsa, a equipe toda, e uma coisa que nós aprendemos, que é fundamental, é que o poder é um agir em conjunto, não existe essa relação de: eu mando e você obedece, essa é fluida e é fugaz, você precisa usar o que a diz Hannah Arendt, que é uma grande filósofa também: “Poder é agir em conjunto.” Então o que nós fizemos algumas vezes na bolsa, quando nós lutamos para a caída do CPMF, a CPMF era 0,38% não é, você sabe...

Nós estávamos perdendo 40% do mercado, estávamos perdendo lá para fora, então nós montamos uma estratégia, que é difícil um empresário Brasileiro fazer, porque geralmente é um cara muito vaidoso, só pensa na vaidade da pessoa e esquece, nós montamos um esquema seguinte: o poder é um agir conjunto, nós levamos todos os presidentes de bolsa, para o Senado para falar com Deputado e Senador. Bom, nós visitamos lá, dos 513 deputados, nós visitamos 480, foi muita humildade, sentamos lá e ficamos esperando, e visitamos de 80 Senadores, nós visitamos 61. Mas foi um poder e agir em conjunto, não é um mérito só da bolsa, você distribui o mérito, todo mundo compartilha do processo, então a força é astronômica. Não é atualmente, o que o Paulo Skaf está fazendo, tudo que ele faz é para ele. Não adianta, você não tem parceiro, ninguém muda a sociedade, se você não tiver parceiro, principalmente empresário, quem é que vai querer “por uma azeitona na empada do outro”, é um negócio que não vai.

Eu estive conversando com alguns presidentes de entidades, estava falando, não, não está legal isso aí, então isso é outra tese que nós vamos com muita força, e ter um resultado excelente, o poder é o agir em conjunto, e ele existe enquanto nós estivermos compartilhando disso, e é fortíssimo, lá no Congresso Nacional meu amigo, todo mundo nos conhecia a gente falava com todo mundo...

Tem um livro, Uma Batalha Parlamentar. Vale a pena você ler, foi uma coisa lindíssima, e quem ajudou muito, foi o Paulinho da Força Sindical, ele ajudou muito a bolsa, ele nos ensinou, principalmente o que eu falei para você, como fazer greve, a gente não sabia montar o caminhão lá em cima...

Eu vi que inclusive o senhor foi na Paulista não é, quando teve a passeata.

Isso tudo, eu participo de todos os movimentos eu estou sempre participando...

Isso atacou a realidade do mundo, eu preciso agora entrar no "Rolezinho", estou estudando para participar. O pessoal do instituto está estudando, é um negócio interessante, é um fato novo que está acontecendo na sociedade, e está difícil o diagnóstico, mas eu quero estudar e quero entender, porque é um movimento popular.

Qual é a opinião do senhor, em relação aos entraves à maior popularização do investimento em ações no Brasil, em especial entre os jovens?

O problema é cultural, é a educação, educação é fundamental, sem educação não se desenvolve, citando um pouco de filosofia, eu não estou querendo esnobar, mas vale, é por isso que eu estou tentando transmitir para você um pouco de filosofia, o Kant, que é um grande filósofo, diz: "O ensinamento, o esclarecimento, é a condição primeira para a pessoa sair da menoridade." Mas aí, o que ele quer dizer, se você não estudar, não tiver esclarecimento, você vai ser um ignorante, e a condição primeira para você, é você ter o esclarecimento, via como? Educação financeira. Então é fundamental a educação, isso eu acho, você está na linha certa como professora, é o que o Brasil precisa.

Qual é a opinião do senhor acerca da criação de um escritório de corretora ou algo similar, dentro de faculdades?

É uma ideia interessante, porque tudo o que for para desenvolver o conhecimento e o aprendizado vale a pena.

A exemplo do que fez o Banco Santander, criando conta universitária, aproximou-se do jovem, o Sr. acha que seria possível alguma coisa parecida?

Eu acho que pode ser uma corretora que esteja propensa a fazer, falar com a faculdade. E a faculdade aceitando, aluga a sala, sei lá, isso eu não sei nem como é que faz.

Já Existem as salas patrocinadas.

Eles patrocinam uma sala lá, e começam a desenvolver, o fundamental é essa educação financeira. Tudo que for nesse sentido, eu acho espetacular.

E o senhor enxerga algum conflito de interesse nessa parceria? Se sim, como isso poderia ser contornado?

Não sei, acho que no Brasil nós temos um problema sério, o mundo acadêmico acho que ainda ele não está muito voltado à realidade do mercado.

Porque eu tive um exemplo da faculdade de Direito, o Armando Conde, que foi um banqueiro e que morreu, você sabe... Bom, ele se prontificou, a reformar toda a sala, por ou colocar uma sala nova, porque a Faculdade de Direito está um lixo, uma vergonha aquilo lá, fico triste com a USP, uma vergonha, fui lá ver, então ele falou: “Eu dou a sala, arrumo a sala.” Tá bom, arrumou e tal, ia por lá o nome: Armando Conde. E a congregação dos alunos não deixou, aí ele fez muito bem, entrou com uma ação para reverter o dinheiro de volta. Nós temos umas coisas, às vezes, eu não conheço outros países direito, mas acho que em outros países, se chega um aluno, se chega uma pessoa e fala, eu quero doar, não sei, qual é o problema? Se é para a educação, para futuro e tudo, nós somos cheios de improvisado, cheios disso, cheios daquilo.

Então, eu não sei como é que seria, não sei se uma faculdade aceitaria isso, porque a final de contas, está carregando o negócio com uma corretora, mas isso é uma questão de desmistificar também, fazer o negócio a cada ano, com uma corretora que queira ficar, então você escolhe, quem quiser que se habilite. Faz uma habilitação por prazo determinado, um ano uma corretora, outro ano outra.

As principais iniciativas de popularização da BM&FBOVESPA, tais como o “Bovespa Vai Até Você” e “Mulheres Em Ação”, criadas pelo senhor, contribuíram para o ingresso de centenas de milhares de pessoas físicas na Bolsa.

É verdade.

Porém, desde 2010 temos visto uma estabilidade no número de investidores individuais. A que o senhor atribui o fato de há quatro anos não termos aumento desse número?

Acho que são dois fatores. Dois fatores que eu acho que não auxiliaram o desenvolvimento disso. Quando eu estava na Presidência da Bolsa eu tive sorte também, Maquiavel fala também, “...na vida 50% é sorte...” você pode fazer tudo direitinho, se você não tiver sorte... você pode ficar sossegado que não vai dar certo.

Então, nós tivemos muita sorte naquela época, depois eu te conto, a história do Lula você já conhece, que eu já contei como que o Lula foi à Bolsa?

É o seguinte, eu estava lá na Presidência da Bolsa e eu vi um artigo que dizia assim “O povo quer mudança”, eu pensei: vai dar o Lula. Bom, algum tempo atrás a Bolsa tinha um grande programa, até idealizado por um grande amigo nosso o Ney Castro Alves, que era levar políticos para Nova Iorque e Chicago, para conhecer as Bolsas. Foi o Yeda Crusius, foi o Fogaça, um monte de gente foi pra lá, cada ano ia um grupo de pessoas. Num determinado momento eu fui e foi o assessor do Lula também.

Bom, ficamos uma semana lá conversando, deu liga, o cara gostou de mim e eu gostei dele, começamos a conversar, ele era muito interessado em fundações, fundos de pensão, então ele era um cara de entendia bem, e foi Presidente do Sindicato dos Bancários, então eu o conheci bem. Então quando deu o negócio eu falei eu vou ligar para o assessor do Lula. Aí liguei, ele tem um apart. hotel aqui, ele

já tinha operado, coitado, uma parte do câncer de estômago, fui lá e tal eu falei: *“Olha eu queria ver se o Lula poderia ir à Bolsa e tal e só.” “Vou ver, mas é difícil e tal, mas o negócio é o seguinte, é problemático, o Lula ah tudo bem.”* Aí fomos uma segunda vez, liguei pra ele e foi outra vez e falei olha o negócio é o seguinte, o Lula está com medo, está com medo de ser vaiado, porque eu e o Lula fomos vaiados pelo operadores em frente, exatamente a Bolsa. Você garante que não vai ser?

Eu garanto, aí eu chutei. Ah não vai ser, vou garantir o quê?

“E o quê que vocês vai falar?” “Não, nós vamos falar sobre fundo de investimentos, fundo de pensão.” “Ah então tá bom.” Bom, o Lula topou, o Lula topou. E aí num determinado dia, que foi o maior alvoroço do mundo, pra todo mundo que é colarinho branco.

Aceitar um metalúrgico, foi uma ruptura na Bolsa de arrebrantar o quarteirão. Mas, o Lula é um craque, tem milhões de defeitos, mas politicamente...

Dá de dez a zero em todo mundo. Chegou na porta da Bolsa ele disse *“Oh Magliano”*, ele abriu os braços, eu não o conhecia e ele também não me conhecia, aí eu abracei e ele abraçou, deu liga, aí eu falei: *“O negócio é o seguinte, eu preciso legitimar a Bolsa, se ele entrar no pregão da Bolsa está legitimada a Bolsa.”* Eu falei, *“Lula vamos entrar lá com os operadores?”*. Não, não, não, aí eu falei *“Vamos lá os caras estão te esperando”* e enrolei e ele foi, fez um discurso para os operadores assim de operador e legitimou a Bolsa. Acabou o cassino pra todo mundo e legitimou. Aí quando nós saímos lá do pregão e tal ele falou, *“O quê que eu falo?”*, ele é assim né, *“O quê que eu falo?”*, *“Ah você fala disso, fundo de investimento.”* *“Ah então tá bom.”* E subi e fomos lá, estava lá o Suplicy, o Osmarinho, Mercadante, um monte de gente que completou. E muito bem, começou a falar, falar, falar e uma hora ele sacou, ele é craque. *“Vamos fazer um trabalho a quatro mãos? Vocês e nós?”*... é lógico que vamos fazer. Então está feito. Eu falei isso é tudo conversa mole, demagogia, campanha. Isso é tudo rolo... quinze dias depois ele me ligou e *“...olha, equipe eu já tenho, você tem equipe?”*, equipe eu não tenho, mas em dois dias eu faço uma equipe. Eles vieram, veio o Palocci, veio várias pessoas do Governo e nós, e fizemos um trabalho a quatro mãos, tudo que foi combinado foi feito. Muito interessante, que no caso, da época do Fernando Henrique era tudo meio fluido. O Lula no começo ele fez muito mais que o Fernando Henrique, certo? Depois descambou né... Depois aí descambou, que aí esse é um dos fatores negativos que eu vou levantar. Quer dizer, não é. O finalzinho do segundo Governo do Lula ele fez aquela grande emissão da Petrobrás. Que houve a diminuição dos minoritários, aí depois trocou. Subsidiou a gasolina.

Depois o negócio da Vale do Rio Doce, que o Mainelli... Foi pra lá. E terceiro que foi uma paulada no escuro foi essa questão das elétricas, que essa Presidente inapropriadamente resolveu fazer um negócio desse. Aí acabou o mercado de capitais. O Mercado de capitais vive de quê? Credibilidade.

Se não tiver, o que está acontecendo na Argentina hoje, está acontecendo na Venezuela, é credibilidade. Então acabaram com a credibilidade. Então o quê que aconteceu agora? Os fatores inibidores para o desenvolvimento? Primeiro o comportamento do Governo altamente intervencionista e colocando o mercado de capitais dele lá. E segundo que eu acho que a Bolsa também tem demérito muito grande, que ela privilegiou muitos bancos. A prova estar que na Bolsa de Valores hoje você tem quatro bancos, você não tem nenhum corretor. Quatro bancos. E você

sabe muito bem. O quê que faz o banqueiro? O banqueiro quer crédito. O quê que o banqueiro quer?

Então o quê que eles fizeram? Fez quatro bancos. Banqueiro quer saber de crédito, ele quer que a empresa não precise de dinheiro que aí ele ganha dinheiro, então não é visão do banqueiro de desenvolver o mercado. É visão do diretor da corretora é visão dos funcionários dos bancos. Agora da cúpula lá de cima, não. Estamos fora do game, e é zero, a corretora pra eles é zero à esquerda. Então isso é um problema grave, você não tem nenhum corretor representando. Então esse Conselho atual ele carece muito de representatividade. É que nem o Congresso Nacional, o Congresso Nacional não nos representa.

E a Bolsa ela não nos representa. A PSM que é a que controla, faz todos os controles da Bolsa, não tem um corretor também, entendeu? Então os corretores foram retirados do processo, não é uma visão corporativa que tem, não. É que o corretor pode ajudar com o seu caldo de cultura própria a que se desenvolva o mercado de capitais. Você acha que um banqueiro, presidente de banco, conhece como que funciona a corretora? Não conhece. Então eu acho que esses dois fatores, primeiro pegaram uma época péssima que foi a crise ...

Eu tive sorte, parece brincadeira, brincadeira louca. Saímos dia 21 de maio, a Bolsa atingiu 73.514 pontos. Nunca mais atingiu. Agora se você perguntar porque, não tem nada a ver, eles pegaram depois a crise louca toda, muito tempo, pegaram essa, representou essa má representação do Governo, mas cometeram um erro grande também. Qual foi? Ótima pessoa, séria, muito boa, colocaram o Armínio Fraga como Presidente do Conselho. Armínio Fraga é do PSDB, como é que tem papo com o Governo? E agora puseram uma pessoa que também é muito boa, que é o Pedro Parente, mas PSDB não tem papo. Tem que pôr um cara neutro.

Pôr um cara neutro pra que tenha um jogo de cintura, agora você põe PSDB, aí dançou. Então houve uma má estruturação política deste Conselho. Infelizmente ela está aí.

Pegando o gancho do que o Sr. falou dos corretores, e o IPO da própria Bovespa, não deveria ter sido um exemplo? Porque eles lançaram a um preço muito alto, muita gente perdeu muito dinheiro, foi a maior entrada de pessoas-físicas, muitos entraram naquele topo, naquele preço exorbitante e de repente todo mundo perdeu dinheiro.

Mas, isso foi por causa da crise de 2008, foi logo depois. Então todos os ativos do mundo caíram. Na época a precificação era aquela, nós precificamos direitinho, fomos ao banco deu a precificação e precificamos mais baixo, parece que 25 (vinte e cinco), não sei o quê, no primeiro dia teve pregão a 32 (trinta e dois), 33 (trinta e três).

Pois é. Subiu 50% (cinquenta por cento).

50% (cinquenta por cento) então ela estava, teoricamente, nem bem precificada estava. Mas, foi uma euforia do mercado. O Brasil estava numa boa, era líder da América Latina, nossa Bolsa líder da América Latina. Aí falou, agora o negócio vai explodir né. O negócio está crescendo, investidores chegou no caso de seiscentos mil. Três mil clubes de investimento, até tremeu.

De 2003 a 2008, nós tivemos a entrada maciça de investidores individuais. Quanto disto o senhor atribui ser devido a educação financeira, por dos conta programas e quanto foi pelo bom momento do mercado?

Acho que foram as duas coisas. Citando um pouco outra vez o Maquiavel, diz uma coisa muito interessante, que é verdade, a gente vê isso na vida da gente. Você tem que ter a *virtú* e a fortuna, a *virtú* é o senso de oportunidade e a fortuna são condições favoráveis. Então naquela época teve-se a *virtú*, estou falando de todos, o mercado de capitais. A fortuna qual foi? Foram as condições favoráveis da economia. Aí o negócio explodiu, aí você tem o sucesso. O sucesso é dado pela *virtú* e pela fortuna, às vezes você faz tudo certinho, mas as condições diferentes. Que nem o cara na Argentina, está num negócio hoje espetacular, chega de cara e toma uma “traulitada” de 10% (dez por cento) na cabeça, o cara perde o pé, tá certo? Então esse dado é importante, você precisa ter o senso de oportunidade concomitantemente com as condições. Hoje, por exemplo, não há dúvida, teoricamente se eu fosse Presidente da Bolsa eu acho que, não sei o que eu conseguiria fazer. Conseguiria, por quê? Todo mundo desacreditando no país, falta de credibilidade no mercado, crise internacional, não sei o quê. É muito difícil. A gente não pode deixar de fazer o que você está fazendo e independe da época.

Nós temos o que falta no Brasil é uma visão estratégica de estadista e de futuro. O quê que tem que ser feito? O que eu acho que é a grande defeito da Bolsa, tem que pegar a educação financeira independente se o mercado tiver ruim, se o mercado tiver bom, tem que investir muito na educação. Pra quê? Para a próxima geração, é que o brasileiro tem uma mania, ele enxerga aqui, ele pensa pra ontem. Tem que pensar nos próximos, na próxima geração.

Tem que fazer um trabalho muito grande e é o que a gente mesmo na Bolsa falava, não to falando pra fazer isso aqui pra nós...Tem que continuar isso aqui durante vinte anos pra filho, neto e tal. Criar uma cultura. E pra mudar uma cultura se demora um tempo.

O que seria necessário ser feito para retomarmos a popularização do mercado de capitais?

Eu acho que é exatamente, a Bolsa ela tornou-se elitista outra vez, exatamente porque ela tem hoje no Conselho os bancos, ela é elitista. Ela precisaria ser popular outra vez, cada vez mais visível, mais transparente, dar acesso mais as mulheres, trabalhadores, voltar esse trabalho e fazer a questão da educação. A educação financeira deve ser permanente. Tem que gastar uma nota por ano, permanentemente.

O jovem é um público alvo interessante pra ser feita essa popularização?

É fundamental. Você tem que preparar a mentalidade e a cultura do jovem porque vai ser o pai de amanhã e vai ser aquele que vai poupar pra ele, pra família dele e pro filho dele. Então se precisa investir muito no jovem, principalmente para mudar a cultura do jovem.

Não só como ele ser investidor, como ele também daqui a pouco ter uma empresa e abrir um capital.

Isso vai precisar cultivar esse empreendedorismo, esse negócio aí né. Mas, no Brasil, o Brasil é uma tristeza. Esse país está uma tristeza.

Transcrição da entrevista com o Sr. Pedro Lérias, sócio da Iris Investimentos.

O senhor considera importante a popularização do mercado de capitais? Porque?

Eu acho que tem dois aspectos, o primeiro é que o brasileiro precisa criar uma cultura de investimento que seja um pouco mais eficiente e inteligente do que simplesmente poupança ou CDB de banco grande, naturalmente que para o investidor isso é um benefício importante. Por outro lado, para o mercado de capitais, que no final das contas acaba sendo muito dependente do investidor estrangeiro ou do investidor institucional, fundo de pensão e etcetera, haver outros *players* é relevante, é importante para a liquidez, para os instrumentos que hoje já existem no mercado e para os novos instrumentos que poderão surgir. Você ter um novo player no mercado, alguém que eventualmente vai demandar um produto com perfil de risco e liquidez que muitas vezes aquele investidor institucional não demanda, é um benefício para os dois lados.

Na opinião do senhor, quais são os entraves a maior popularização de investimentos em ações no Brasil, em especial entre os jovens?

Eu acho que primeiro a gente vem de uma... se for comparar o perfil de risco, eu já tive a oportunidade de ler uma tese de mestrado sobre isso, do brasileiro com o americano, a conclusão dessa tese, que é uma tese muito baseada na questão comportamental, etc, eles identificaram na verdade que é o perfil de risco é muito semelhante entre brasileiro é o americano. Só que ele porque o tem tão menos ação na média, e à época era um ínfimo, menos do que 10%, acho que na física menos do que 5, do que o americano que tinha um percentual acima de 30 a 40%. Porque a gente tem hoje um ambiente de taxa de juros nominal e real ainda muito alto, uma economia que acaba sendo muito indexada e cria um ambiente em que a renda fixa goza de uma rentabilidade tanto nominal quanto real, de uma liquidez, e no final das contas, de uma estabilidade, que dificulta muito você falar de renda variável. Porque a renda variável pressupõe prazo de investimento muito mais longo e pressupõe um nível de risco que o brasileiro ainda não está acostumado.

Então eu acho que a passos de tartaruga e isso está mudando. Mas a questão ela é estrutural, eu não acho que seja uma questão do investidor estar disposto a; é que o investidor no final das contas ele age com alguma lógica. E se a gente for pensar que até poucos anos atrás a gente tinha uma taxa de juros real de mais de 10%, você investir em um negócio é um custo de oportunidade muito alto. Então eu acho que enquanto isso não mudar a gente vai ser muita barreira, eu acho que esse é o principal empasse.

Qual a importância que você atribui a educação financeira quando se pensa em popularizar o investimento em renda variável?

É fundamental. Eu acho que muito lá, no primeiro ponto que eu coloquei em relação questão do brasileiro ter uma cultura que ele não vai só depender da poupança ou se obter um lucro grande, isso aí tem tudo a ver com a questão financeira. Eu acho que o investidor que hoje é entrante no mercado, a gente só considera que socialmente a gente tem classes que hoje infelizmente elas trabalham para simplesmente sobreviver e vão depender da previdência pública, mas eu acho que o entrante que tem algum recurso, ele precisa entender a necessidade de

comprar a longo prazo, que é melhor poupar, e investir. E realmente começar a criar uma estrutura de gastos que seja compatível com o que se ganha, e entre esses gastos, tem uma linha de investimento. Então a educação financeira é primordial. Ela precisa começar no primário.

A necessidade ela é muito grande. Eu não sei exatamente como é isso, nos Estados Unidos e a redução eu não tenho esse tipo de informação, mas eu imagino que seja, haja uma importância muito maior do que aqui no Brasil.

Qual a opinião do senhor acerca da criação de um escritório de corretora ou algo similar dentro de faculdades?

Eu acho que precisa só tomar um pouco de cuidado para você não ter uma estrutura em que essa ou aquela instituição, como é comum no Brasil seja beneficiada. Mas eu acho que você ter uma conexão, talvez a faculdade seja um ponto interessante entre a prática e a teoria, eu acho super importante, quer dizer, teoricamente você precisa investir, você precisa diversificar os seus investimentos, você precisa considerar questões de risco, liquidez, tributação, etc, etc, mas e na prática como é que é? Qual é o custo de eu fazer tudo isso foi, quanto eu preciso de fato de uma assessoria hoje ou não. Então eu acho você ter corretora ou similares, eu diria pra você que tá mais similares faz mais sentido porque a corretora ela tem uma atuação limitada, pelo menos acho que no modelo mais tradicional aqui no Brasil, eu acho que é importante para você aliar a questão teórica e prática.

Eu conversei com o diretor da GV comentou que tiveram a ideia de fazer um clube de investimento, e que talvez, tinha um modo lá nos Estados Unidos que eles faziam e que dava certo. Ai eu vou dar um gancho nessa pergunta, eu acho até que você já comentou alguma coisa, mas se você enxerga algum conflito de interesse nessa parceria, e como isso poderia ser contornado?

Viver sem conflito de interesse é difícil, quando você tem uma empresa que ela não é sem fins lucrativos ela já tem um interesse de lucrar, e quem vai dar o lucro pra ela vai ser o cliente dela. Então é uma relação que é conflituosa por natureza. Eu acho que talvez o conflito de interesse seja muito mais da relação institucional da faculdade, de escolher essa ou aquela empresa etc. Então eu acho que o modelo precisa ser muito cuidadoso porque senão você pode criar uma série de vícios. O Brasileiro já está viciado em ter um relacionamento com um grande banco e aceitar basicamente o produto que o banco de trás para ele. Então tá, você vai começar a colocar uma corretora ou enfim, uma consultoria, ligada à investimentos dentro de uma faculdade, o quanto essa entidade ela está preocupada, a entidade, a faculdade ela está preocupada com o nível de serviços e isenção e de fato o benefício que isso vai trazer para o aluno dela. Mas assim, eu acho muito difícil você eliminar conflitos de interesse. Eu acho praticamente impossível.

As principais iniciativas de popularização da Bovespa, tais como a “Bovespa vai até você” e o “Mulheres em ação” criadas em 2002 2003, contribuíram para o ingresso de centenas de milhares de pessoas físicas na bolsa. Porém desde 2010 temos visto uma estabilidade no número de investidores individuais. A que você atribui o fato de há quatro anos não termos o aumento desse número? E se isso estaria ligado ao desempenho de mercado.

Eu acho que tem uma ligação certamente ao desempenho de mercado. Eu não conheço esses problemas, então eu não sei o quanto essas pessoas entraram, se a gente está falando de 2003 à 2007 a gente teve um período que a bolsa subiu todos os anos, em número negativo, em percentuais na média bastante superiores à taxa de juros. Então eu sei o quanto isso não foi muito mais incentivo do que o processo educacional em si. E aí quando a gente olha a partir 2010, 2008 foi ruim, 2009 foi bom, quase que se metam, ainda é negativo, e de 2010 para cá o mercado está muito difícil.

Então eu acho que tem sim um fator mercado, mas ao mesmo tempo eu acho que precisa ser avaliado o fator educacional, o quanto esse investidor de fato, esses investidores estavam preparados pra se investir no mercado, como mercado de renda variável em detrimento da experiência anterior dele. Mas para mim a estabilidade me parece bom, eu esperava que tivessem uma queda.

É, ficou estável. E por último, o que seria necessário ser feito para retomarmos a popularização do mercado de capitais?

O que seria necessário? É uma boa pergunta. Eu acho que além das questões estruturais que é, você ter um ambiente estável em que as pessoas elas tem alguma previsibilidade sobre o quanto essa ou aquela taxa de ativos vai... pode remunerar, qual é o risco daquela taxa de ativos, que talvez imparcialmente agente tenha isso, a gente tem um ambiente de inflação relativamente estável, a gente tem um ambiente onde a taxa muito embora ela auxilie e ela trabalha contra o investimento de risco porque ela paga um número de taxa real ainda relevante etc, eu acho que o outro lado da moeda é a educação. É o indivíduo, ele reconhecer a necessidade dele investir.

Então eu até não falei uma taxa de ativos, que na verdade ela é muito mais comum para todo mundo que é o imóvel, e eu acho até que as evoluções dos últimos anos pegando o fundo imobiliário como exemplo, de um instrumento financeiros para investir nessa taxa de ativos, eu acho que elas acabam funcionando no sentido do cliente entender, do investidor entender que ele tem a necessidade de diversificar, que ele precisa buscar estruturas que são eficientes e que atendam a necessidade dele. Mas se a gente for pegar o exemplo especificamente do fundo imobiliário, e fundo de renda fixa e inflação, a forma como eles foram vendidos, isso é um atraso, isso é um atraso. Eu acho que o investidor brasileiro ele já sofreu com a crise de 2008 como todos os investidores só que é aquela coisa, no Brasil ele tem um porto seguro. Se ele tivesse investido em CDB, se ele tivesse investido, enfim, num tesouro direto da vida ou na poupança, talvez ele não tivesse um resultado tão bom, mas certamente teria uma tranquilidade muito maior.

E o resultado sinceramente também não ia ser muito diferente, se a gente for pegar a Bovespa como exemplo. Se for pegar outros índices diferentes eu acho que isso é um pouco mais passível de discussão. Mas eu acho que a parte de educação é tão relevante para o investidor quanto é para quem está vendendo. E aí a gente entra na questão de conflitos de interesse, e o fato de que basicamente hoje são as estruturas de instituições financeiras que estão na ponta vendendo para o investidor menor. O investidor ele já não tem nenhuma educação e se depara com um gerente que teoricamente seria técnico, mas muitas vezes não é, não tem a educação necessária e está cheio de conflito.

Quer dizer, então aí o conflito de interesse é na veia, porque não existe nenhuma sensibilidade de estar sendo feito certo ou não. Eu acho que a CVM vem

fazendo um trabalho muito bom de certificação mas isso precisa ser certamente intensificado e precisa ver uma fiscalização mais pesada. A gente vê muita coisa mesmo do gerente que tem o CPA 2 e o CPA 20 eles são atrocidades. Ou então a gente precisa ter de fato um nível de educação maior em todas as escalas. Tanto pra quem compra ações ou produtos de investimento quanto pra quem vende.

Transcrição da entrevista com o Sr. Rafael Moreira, diretor da Walpires Corretora.

O senhor considera importante a popularização do mercado de capitais? E porquê?

Considero que é uma forma da pessoa, de certa forma guardar o seu recurso como se fosse uma poupança, e acho que isso.

E na sua opinião quais são os maiores entraves na maior população do investimento em ações no Brasil, em especial entre os jovens? Porque você acha que eles não investem?

Educação do brasileiro. O brasileiro não é acostumado a poupar dinheiro. Então o brasileiro, se ganha 100, gasta 150. Então isso começa desde criança que ele vê seus pais gastando cada vez mais, ele vai crescendo nesse ambiente, então se não mudar a cabeça deles eu acho que isso não vai acontecer.

O senhor atribui grande importância à educação financeira quando pensa na popularização do investimento em renda variável?

Sim, se a pessoa, o projeto da Bovespa desde o início, esses últimos anos era fazer com que as pessoas tivessem um pouco mais de educação financeira. Dando palestras em escolas, pegando as pessoas desde crianças, fazendo com que elas cultivassem esse interesse em poupar dinheiro, e começar a ter um pouco de educação financeira. Caso isso aconteça, tenha efeito essa estratégia, eu acredito que essas pessoas vão crescer com essa educação, começando a poupar dinheiro, fazer muito mais coisas.

Então você acha que esse é o caminho mesmo, a educação financeira?

Sim. Sim. A Coreia fez um bom trabalho, não sei se você pesquisou. Se não me engano foi a Coreia. Ela começou, tanto que a população dela que investe em bolsa, acho que mais do que quintuplicou, porque ela fez uma campanha desde criança com educação financeira, explicando para as pessoas a necessidade de guardar dinheiro, de investir, não gastar tudo que tinha, então as crianças, elas tinham esse hábito de pegar o seu dinheiro, e guardar um pouquinho ao invés de gastar tudo. E hoje a população que guarda dinheiro, que investe é muito alta, não só em bolsa de valores, mas em fundos, em outros instrumentos também.

Qual a sua opinião acerca da criação de um escritório de corretora, ou algo similar dentro de faculdade? Você acha possível, viável?

Muito bom, é um projeto bom.

O senhor enxerga algum conflito de interesse nessa parceria, por exemplo, a corretora ela visa o lucro, e o objetivo da faculdade é dar educação

financeira, enfim, ensinar. Como seria possível lidar com esse conflito de interesses?

É que a corretora, a corretora nos moldes de antigamente ela visava mais o lucro por que ela dependia só de corretagem. Só que o cenário está mudando, a corretora hoje ela tem outros produtos que ela visa o lucro em grande escala, como por exemplo títulos públicos, que a pessoa pode guardar um valor por mês, e ela não vai pagar uma taxa muito alta para a corretora, fundos de investimentos. Então a corretora abrindo um escritório dentro de uma universidade é muito bom porque o aluno já começa a estudar, fazer o seu curso de graduação, e ele já tem esse acompanhamento de educação financeira. Então é uma ideia muito boa.

O senhor conhece o que o Santander fez, o Santander universidades e tal. Você acha que seria possível e a corretora investiria algum valor para ter o escritório lá, para poder fidelizar esses estudantes, por exemplo, pensando daqui a cinco anos esse cara vai ser meu cliente, geraria renda, você acha que teria essa visão de longo prazo?

Eu acho que depende do executivo da corretora, porque o problema do brasileiro é que ele visa retorno muito rápido. Então ele quer investir mas ele quer o retorno daqui um, dois, três meses. Mas se for uma corretora que está montando o seu planejamento a longo prazo, é uma ideia viável.

As principais iniciativas de popularização da bolsa, você deve conhecer, a “Bovespa vai até você.” “Mulheres em ação”, contribuíram para o ingresso de centenas e milhares de investidores pessoas físicas, nessa época até 2007. Porém, desde então, temos visto uma estabilidade no número de investidores individuais, de 2010 a 2014 praticamente não foi alterado esse número. A que o Sr. atribui este fato?

A cultura do brasileiro que não gosta de investir, e o mal momento do mercado. Porque o brasileiro ele vê muito no jornal nacional, Bovespa cai 2%, e a Bovespa caiu em 2013 10%. Então o brasileiro já tem uma aversão ao risco e se você olhar, se você for correlacionar com a poupança teve um aumento muito alto com a poupança. Então o que as pessoas acabam observando que a parte de renda variável em muito risco, ainda mais com essa incerteza política, você vê que teve problemas políticos nas elétricas, as ações caíram muito, porque antigamente a gente chamava de ação de aposentados que pagavam ótimos dividendos. E hoje as ações caíram muito, e não paga nada de dividendo. Você vê a Petrobrás, então isso afasta cada vez mais, enquanto não resolverem esses problemas, não vai aumentar.

O que deveria ser feito então para retomarmos a entrada de pessoas físicas?

Eu acho que o primeiro passo para aumentar o número de pessoas físicas eu acho que teria que aumentar o número de empresas da capital aberto na bolsa. Se você for comparar nos últimos acho que dois anos, eu acho que foram dez empresas, quinze, foram poucas as empresas que abriram, se for comparar com os Estados Unidos, várias empresas. Então cada empresa que abre capital você vê que entra mais pessoas, por que são funcionários, às vezes até parentes de funcionários, então se entrar nas empresas para licitar ações na bolsa eu acredito que a nossa base de clientes possa aumentar.

APÊNDICE D – ENTREVISTAS COM GESTORES DA ÁREA ACADÊMICA

Transcrição da entrevista com o Sr. Taiguara Langrafe, Vice Reitor da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP

O senhor acha que é papel da faculdade, dar educação financeira pros alunos?

Eu acredito que não só da faculdade. Eu acredito que isso é um tema que deveria ser incorporado à educação fundamental. E as faculdades, obviamente, por complementariedade, podem dar programas de educação financeira optativas para que os alunos realizem. Nós já fizemos alguns mapeamentos aqui internos no FECAP, uma parte dos alunos conhecem educação financeira, do ponto de vista de orçamentação familiar e etc, finanças pessoais. E outra parte realmente não conhece o tema. O que fizemos foi oferecer palestras e programas adicionais.

Eu realizei uma pesquisa survey aqui na FECAP em agosto de 2013 com aluno do primeiro e oitavos semestres de Administração e de Economia. E ela apontou um enorme interesse dos alunos em aprender mais sobre investimentos. Na verdade, 100% respondeu que gostaria. Então esse interesse já era do conhecimento da faculdade? E se vocês tomaram ações para suprir essa demanda realmente?

Sim, quanto mais melhor. É aquela coisa, você quer saber mais sobre investimentos? Sim. Realmente o aluno vai dizer que sim, ainda mais esse perfil de público. Na grade curricular tanto de Economia quanto de Administração existem matérias que abordem esse assunto.

Mercado de capitais.

Mercado de capitais e gestão de risco. É o nome da matéria, inclusive. Sim, é aquela coisa, a oferta de programas adicionais para que os alunos escolham eu acho super válido.

A grade curricular deve abordar esse assunto de finanças pessoais ou esse tema deve ser tratado extraclasse? Ou os dois?

Então, depende do projeto pedagógico de cada curso. Aqui na FECAP a gente está observando complementariedade na maior parte das disciplinas, a exceção do Secretariado, em que o professor desenvolve alguns tópicos com os alunos. Com os alunos do curso de Secretariado. Mas no geral é adicional. Inclusive quando houve o Congresso Nacional de Educação Financeira, nós fizemos o convite para que os alunos da FECAP participassem.

O senhor acha que a graduação em Economia ou Administração prepara o aluno pra investir em bolsa?

Em tese, sim. O aluno que aprende os conteúdos, se dedica dentro do que está programado, tem condições de ser um investidor, no mínimo, iniciante. Já vai ter ideias de risco maior, risco menor. E o funcionamento do mercado de capitais. Eu não sei se eles se sentem seguros pra isso. Mas condições, tem.

O senhor acredita que seria bom pros alunos terem um programa de educação financeira voltado ao investimento dentro da faculdade?

Sim. Eu entendo que, novamente, em paralelo, em programa adicional.

Eu acredito que muitos já tenham essa informação. Já operam. Especialmente, Economia.

Economia. É verdade. Quais são os requisitos necessários, sob o ponto de vista da educação financeira, para que seja criada uma iniciativa de popularização do investimento em ações entre os estudantes universitários?

Requisitos?

É, do ponto de vista da educação financeira para que seja criada uma iniciativa de popularização. Eu sei que aqui a gente tem sala patrocinada da Bovespa.

Realmente veio em um momento em que a Bovespa estava abrindo as portas para as universidades para fazer relação de popularização. Vieram falar sobre investimentos e etc. Ainda existem ações esporádicas tanto da Bovespa quanto de corretoras que vem fazer treinamento específico.

Ah! Já existe?

Já existe esse canal. Agora requisitos para que aconteça a popularização?

A educação financeira você vê que está com mais curso? Eu não sei. Palestra.

Uma questão cultural das famílias.

Cultural, né?

É. É uma questão cultural das famílias. O brasileiro não tem costume de poupar. A taxa de poupança é muito baixa e dentre os que pensam em poupar existe necessidade de desmitificar o mercado de ações. É bem possível que os usuários, mesmo do público universitário considere burocrático.

É possível.

É possível. Seja por questões de tributação. Não a questão operacional, mas...

Tributação, por exemplo, é super complexo.

É.

Com certeza, é verdade. Você vê com bons olhos uma aproximação entre o mercado de capitais e os alunos do ensino superior dentro do ambiente da faculdade?

Sim, eu acho ótimo. Não só do mercado de capitais como de outras áreas de produção ou de prestação de serviços. E o mercado de capitais, em particular, tem tido a pró-atividade de chegar nas escolas para dar sacada, palestras para estudantes e etc. Nós tivemos a Souza Barros recentemente.

O pessoal vem aqui. E quando é feito ofertas de palestras, em geral o público do curso de Economia e alguns alunos de Administração mais focados em finanças é que se interessam no tema. Então, o público grande, apesar da oferta, não aparece.

Qual a sua opinião acerca da criação de um escritório de corretora ou algo similar dentro da faculdade? Seria possível?

Como seria um escritório de corretora?

Uma corretora ou um clube de investimentos, por exemplo, com os alunos, em que eles pudessem operar aqui dentro da faculdade.

Eu acho interessante pelo aprendizado. Eu não sei se entraria por essa via ou a via de fazer simuladores na escola. Assim como existem os simuladores oferecidos para o mercado e etc. Mas passar pela experiência. Eu em particular tive experiência, como professor, de fazer simulação quando eu dei aula no curso de Economia. Foi um sucesso danado!

O senhor enxerga algum conflito de interesse na parceria? Por exemplo, da parte financeira, uma corretora visando o lucro e a escola visando educação.

A definição de parceiro comercial eu acho que seria um problema. Se o lucro, a rentabilidade da operação fosse revertida em alguma atividade pra escola, em se tratando especificamente de uma escola como a nossa onde não há finalidade lucrativa, talvez justifique-se.

Como é possível controlar esse conflito de interesse?

Firmando a parceria com a escola. Tendo outras contrapartidas com a escola, como apoio em curso de extensão, oferta de palestrantes e etc. Eu acho que é necessário balancear uma parceria com contrapartidas.

Para que não fique a oferta simplesmente pela taxa de corretagem, taxa de administração do corretor.

Na opinião do senhor, quais são os entraves a maior popularização em investimento em ações no Brasil, em especial entre os jovens?

Acho que o entrave maior não é necessariamente investimento em ações, mas poupança de forma geral. Não ter poupança, ponto. Dois, vou ter poupança, o que é mais fácil fazer? São os fundos de banco. O gerente do banco que está ali no dia-a-dia e já faz a operação. A poupança boa e velha que tem taxa recorde de captação. E aí depois vai pensar no mercado de capitais. Sendo que o mercado de capitais normalmente é apresentado como algo super arriscado.

Então você já, normalmente, tira o pé. Eu acho que o ponto principal é cultura de investimento. Não temos.

Transcrição da entrevista com o Sr. Fábio Gallo, professor de finanças – FGV

1 – O Sr. acredita que a graduação em Economia ou Administração prepara o aluno para investir em bolsa?

Sim, porque o conhecimento básico necessário para a pessoa investir em bolsa é dado, com certeza, na graduação, particularmente em Administração na área de finanças. Economia também tem algumas matérias dedicadas a isto, mas eu tenho notado que o curso de Administração é mais focado em estudar finanças. O problema é que a maioria dos alunos não dá valor para isso e acaba não se dedicando e aprendendo efetivamente.

2 – É papel da faculdade dar educação financeira a seus alunos?

Eu trato educação financeira de uma forma muito mais abrangente, tenho discutido isso em ambiente internacional, é uma necessidade de todo mundo, nos vários níveis escolares, a graduação também tem que se propor a isso de alguma forma. O problema, que se discute muito, é como fazer isso. Não existe pesquisa, no âmbito internacional, indicando que exista melhoria do grau de conhecimento financeiro e de conduta com seu próprio dinheiro de pessoas que tiveram educação financeira na escola.

Há melhoria significativa quando o projeto é focado, por exemplo, grupos de funcionários de uma empresa que estão para se aposentar, aí sim, a educação financeira dá resultado.

O problema é que no Brasil nós não sabemos ainda qual o efeito da educação financeira, porque não temos história nenhuma de construção de educação financeira no país, por conta também da inflação.

Eu sou um dos que aposta que a educação financeira é necessária, nós estamos criando grupos de estudo, estamos desenvolvendo esta disciplina mais fortemente na graduação.

O caminho é insistir em educação financeira, mas testando novos métodos, cursos online por exemplo, têm tido bastante procura e aceitação.

3 – A grade curricular deve abordar assuntos de finanças pessoais ou este tema deve ser tratado extraclasse?

Esta é a nossa dúvida, eu coloquei no ambiente de disciplinas para fazer esse teste. O extracurricular também deve funcionar, mas você começa a perder a medida sobre que tipo de adesão pode ocorrer. O nosso curso online foi legal porque deu a visão de que as pessoas estão interessadas, mas nós não temos efetivamente medidas de eficiência em torno deste esforço. Aí talvez, colocar na grade curricular seja interessante porque você começa a ter percepção melhor disto tudo.

4 – O Sr. acredita que seria bom para os alunos terem um programa de educação financeira, voltado a investimentos, dentro da faculdade?

Quando eu falo educação financeira, estou falando como um todo. Na sua pergunta, eu não separo educação financeira de investimentos. Lógico que investimentos faz parte da educação financeira, é um segmento que tratamos no momento devido, mas não digo que exista uma educação financeira para investimentos, ou uma educação financeira para orçamento familiar ou consumo e

gastos conscientes. Tudo isso faz parte, é o mesmo caminho, você não deve deixar de falar dessas várias facetas dentro da educação financeira, eu não vejo como possível falar só sobre investimentos sem falar do resto.

Uma preocupação que eu e um grupo de professores temos é de como “separar o joio do trigo” nessa história, porque esse tema aparece como um grande interesse das pessoas, mas dá espaço para muitos aventureiros, um monte de gente que quer vender produtos, quer vender investimentos, quer ganhar dinheiro falando e vendendo autoajuda no pior sentido do termo, só para vender algo e não com a preocupação efetiva da educação financeira, de melhoria do bem-estar das pessoas, de deixar as pessoas mais preparadas para a vida.

5 – A pesquisa survey que realizei na Fecap em agosto/2013, com alunos do primeiro e oitavos semestres de Administração e Economia apontou enorme interesse dos alunos em aprender mais sobre investimentos, este interesse já era do conhecimento da faculdade? Foram tomadas ações para suprir esta demanda?

Eu não posso responder pela FECAP, embora tenha um monte de colegas lá. Mas para mim é simples o raciocínio, a resposta é sim, tanto que tenho a impressão que pelo prazo, fui o primeiro a criar uma disciplina eletiva sobre esse assunto na graduação da PUC/SP e despertou muito interesse, era para termos uma turma e formamos duas.

6- Quais são os requisitos necessários, sob o ponto de vista da educação financeira, para que seja criada uma iniciativa de popularização do investimento em ações entre os estudantes universitários?

A pergunta é ampla, mas realmente, precisamos educar financeiramente as pessoas, assim naturalmente você vai popularizar a renda variável. Assim as pessoas passam a saber o que é renda variável e entendem a importância dela para o desenvolvimento do país, entendem sobre diversificação de carteira e o porquê é importante você ter um pouco de renda variável na sua carteira. Antes disso não dá para falar, porque as pessoas não são preparadas e ainda leem que o ano passado a bolsa caiu mais de 15%... Como você vai falar de popularizar ações, se as pessoas não sabem nem o que é renda variável.

7 – O Sr. vê com bons olhos uma possível aproximação entre mercado de capitais e alunos do ensino superior dentro do ambiente da faculdade?

Sim, tem muitas ações possíveis para fazer. Na PUC, por exemplo, tive várias tentativas, não só do ponto de vista de educação e treinamentos, mas ações efetivas, práticas. Eu já quis criar um clube de investimentos com alunos e professores. Na verdade, em 2007/2008, na PUC também, que tinha mais facilidade, eu cheguei a criar, só que nós barramos na oficialização, porque queríamos usar o nome “PUCInvest” e já estava registrado para uma corretora que queria realizar ações, mas muito mais em proveito próprio, com a ideia de vender produto, do que parte de um programa de educação financeira.

Tentei criar a mesma coisa aqui na FGV, o mesmo modelo, mas esbarrou mais em questões financeiras, porque as corretoras que quisessem participar tinham que colocar dinheiro e aqui na FGV é mais caro, a marca custa mais, não deu certo por isso.

8- O Sr. enxerga algum conflito de interesse nesta parceria? Se sim, como isto poderia ser contornado?

Com relação à imagem da instituição, é compreensível existir apreensão, porque imagina-se que caso exista uma perda substancial num clube desse, as pessoas questionariam como isso é possível se ensinamos finanças. Mas isso eu acho que esse seria um pensamento de quem não conhece o próprio mundo de finanças, acreditar que você não tem argumento para isso. Primeiro, se você fizer um trabalho legal não vai ter essa “trombada”. Segundo, se a bolsa perder, esse clube vai perder, não tem escapatória. O problema é não cometer o erro de, por exemplo, investir 100% na OGX. Eu não acredito que com o mínimo de conhecimento se faça esse tipo de coisa. Enfim, eu acho que é perfeitamente controlável isso.

Em relação ao conflito por interesse financeiro, isso precisa ser controlado. Se der a ação na mão de uma corretora não dá certo, tem que ser algo institucional, poderíamos ter um rodízio de corretoras para passar as ordens, mas a gestão seria feita em assembleia de alunos orientados por professores.

9- Qual a opinião do Sr. acerca da criação de um escritório de corretora, ou algo similar, dentro da faculdade?

Esse tipo de ação é positiva, eu estudei uma parte do doutorado no Texas e lá funcionava uma mesa de operações com milhões de dólares, na mesa só tinham alunos de mestrado e doutorado. A mesa ficava no meio do prédio de finanças e era toda equipada, como uma corretora efetivamente e operava-se o mercado.

Acho possível essa ação ser replicada aqui no Brasil, aqui mesmo na FGV, de certa forma, mas a fundação proibiu o uso de dinheiro, não sei porque, eu já estava fora do projeto. Mas não concordaria com isso, porque o clube pode ser criado, é dinheiro próprio. A ideia seria ser voltado para pessoa física, o grupo teria reuniões periódicas, onde participariam alunos e professores, todos os participantes do clube participariam da discussão e criaríamos grupos para análise, aproveitaríamos isso como parte dos créditos. Os alunos fariam análise de setores, de empresas e discutiríamos onde investir e faríamos as operações através de uma corretora.

10- Na opinião do Sr. quais são os entraves à maior popularização do investimento em ações no Brasil, em especial entre os jovens?

Primeiro, obviamente, é falta de educação financeira. Aliado a isso, é nosso ambiente econômico. Eu sempre brinco, mesmo depois de 1995, a pessoa que pensou em bolsa e começou a se interessar por bolsa teve anos brilhantes, como 1998 com 152% de crescimento, só que nos anos seguintes ele perdeu 40%. Esse cara que perde 40% da reserva dele em bolsa se assusta e não investe mais. Aí passou quase uma década, ele volta em 2008... O ambiente econômico no Brasil é muito conturbado, com episódios como o de Eike Batista, só tem uma maneira que é ser muito mais sério nesse controle e falar a verdade para as pessoas na hora do investimento, não adianta dar fórmula mágica. Se você orientar corretamente, as pessoas se interessam e começam a investir.

11) Nos anos de 2002 a 2007 houve uma maciça entrada de investidores individuais na bolsa, o Sr. atribui isso ao bom momento vivido pelo mercado nesse período?

Foi o crescimento econômico, maior renda, grandes empresas abrindo o capital, matérias no jornal dizendo que a pessoa vendeu a casa e ficou rico, isso motiva, entusiasmo. Mas nesses momentos de bonança que é a hora de ensinar as pessoas que dá para ganhar dinheiro na bolsa mas é preciso ter cuidados, faz isso de forma panfletária, aí vem o tombo, que sempre vem, porque o mercado tem ciclos, as empresas vão bem, depois podem ir mal. É preciso que as pessoas tenham ciência de como funciona o mercado e os riscos do investimento.

Transcrição da entrevista com o Sr. William Francini, Chefe do Departamento de Administração da FEI – Campus São Paulo

O senhor acredita que a graduação em economia ou administração prepara o aluno pra investir em bolsa?

Eu acho que sim. É claro que você tem algumas escolas que têm o maior enfoque para a área financeira, mas de maneira geral todos abordam o mercado de capitais. Senão, deveriam abordar. Nós temos uma demanda específica na FEI, que alguns alunos, isso em conversa com os alunos, eu tenho perguntado e venho percebido também, eu diria que um grande número deles atuam no mercado financeiro, então especificamente para o nosso público a gente vai colocar uma concentração maior em finanças.

Pretende aumentar então o conteúdo?

Isso, nós criamos agora a figura de disciplinas eletivas, nós não tínhamos esse programa de curso anteriormente, e as eletivas deverão configurar algumas opções em áreas diversas, mas uma delas certamente será das finanças. Então são pessoas que já trabalham no mercado de capitais, como eu mesmo, tem alguns que são bastante focados no tema, então a gente já conversou essa ideia. E tem a demanda, os alunos trabalham na área, enfim a gente deve configurar disciplinas voltadas para o mercado de capitais.

Interessante. E o senhor acredita que é papel da faculdade dar educação financeira aos alunos?

Sim. Eu acho que não só faculdade, deveria começar antes, no colégio já, ensino médio enfim, mas certamente na faculdade. Já começamos com matemática financeira, eu acho que aqui nós trabalhamos com matemática financeira, certamente no terceiro é o quarto ciclo, mas certamente entendo que é papel da escola discutir, refletir e fazer com que os alunos conheçam a realidade, nós esse ano, vamos incentivar as visitas guiadas para a Bovespa, para que eles de fato vivenciem um pouquinho da realidade lá. Agora a gente não tem mais o pregão como antigamente, mas conheçam mais a fundo o financiamento de mecanismo, e formas de opções de investimento.

O nosso público na verdade não é um público de renda muito alta, os nossos alunos são de classe C, eu diria a maioria, enfim. Então eles mesmos não tem tanta verba para estar investindo, mas eles poderiam conhecer outros simuladores, como

a folha de São Paulo, enfim, outros mecanismos para poderem ficar trabalhando no tema. Eu acho que a gente pode estar fazendo bastante por eles.

Esse tema, o senhor acredita que deve ser abordado dentro do currículo, ou extra classe? Concursos ou alguma coisa nesse sentido?

Eu acredito que pode ser ambas as coisas, a gente pode ter não só as disciplinas eletivas, fazer uma trilha, puxar a ação de concentração em finanças, mas também outros cursos que podem ser contados como atividades complementares, que essas são obrigatórias, nós poderemos oferecer cursos aqui na FEI, ou eles podem fazer no próprio local de trabalho ou em outras instituições. Não há restrição nesse sentido. Então podemos até fazer algo aqui na própria FEI, eles são muito bem visto por nós, e pelos alunos. Alguns já manifestaram em virem em horários diferentes, até sábado se for o caso.

O senhor acredita que seria bom para os alunos ter um programa de educação financeira voltado a investimentos mesmo aqui dentro da faculdade? Será que eles teriam interesse?

Eu acho que a total, eu fiz um teste assim muito prático, uma breve pesquisa, eu chamo de pesquisa porque foi bastante enfocada na turma para quem eu dei aula no semestre anterior que fizeram o último ciclo do oitavo ciclo. 50% deles estavam no mercado financeiro, ou estão. Isso no pessoal da noturno. Então, e depois em alguns TCCs que eu participo eu aproveito eu faço uma questão, agora estão já como ex-alunos, praticamente encerrando as atividades, mas eu procuro, estou tentando antecipar essa pergunta também, para todos os demais ciclos que tenham tido a oportunidade de conversar e eu tenho feito isso de maneira sistemática. Que disciplinas eles gostariam de ter, ou no finalzinho, mesmo sendo no final, fosse um curso de extensão, como ex-alunos, etc. A grande maioria menciona finanças.

Aí eu fiz uma comparação com a FGV a refeito, e eles fizeram, eles fizeram, na realidade eu nem mencionei AGV, mas eles mencionaram que alguns colegas de trabalho que são formados pela AGV ou estão estudando lá, eles têm uma base maior em finanças também. Isso foi o depoimento de aluno, eu sei que lá eles trabalham bastante finanças também, então disse que sim, há demanda é há interesse.

Quais são os requisitos necessários sob do ponto de vista da educação financeira para que seja criada uma iniciativa de popularização do investimento em ações entre os estudantes universitários?

Olha, eu acho que a gente poderia ter várias ações, ou a gente poderia ter uma parceria com a Bovespa, mas nós poderíamos pensar em estruturar um curso, eu acredito que a própria Bovespa tenha uma área de educação, e / ou outras escolas parceiras com que a gente poderia trabalhar. Ou mesmo instituições financeiras.

Sala patrocinadas você já tem ou ainda não?

Não. A FEI era uma escola jesuíta, e enfim, até o momento que não trabalharam essa forma de ação embora eu vejo o que eles estão abertos a mudanças, que acho que isso pode se for uma nova oportunidade da gente trabalhar esse conceito aqui, então eu acho que esse seria um bom momento para se discutir esse ponto

O senhor vê com bons olhos uma possível aproximação entre o mercado de capitais e os alunos de ensino superior dentro daqui do ambiente da faculdade? Eu acho que até o senhor já respondeu essa questão.

Eu acho que sim, é claro que o mercado de capitais ele tem toda uma questão de regulamentação que eu acho que o Brasil, assim pelo que eu acompanho não está mal, ao contrário, eu acho que a crise de 2008 que se estendeu por alguns anos e ainda tem os seus reflexos, nós nos saímos até que bem, porque estávamos bem protegidos com relação á algumas operações que nos Estados Unidos e Europa são liberadas. Então agora, eu me afastei do mercado já há muitos anos, então eu não tenho acompanhado especificamente a regulamentação do nosso mercado, mas eu sei que a CVM trabalha bastante em cima dessas e regulamentações.

E há uma preocupação dos gestores públicos, deveriam enfim ser mais, trabalhar essa questão, e popularizar também, quer dizer, eu acho o mercado está um pouco estigmatizado, no sentido de as pessoas entendem a especulação como algo negativo, dependendo da especulação ela pode ser prejudicial, mas com regulamentos e também se nós conseguirmos dar uma outra olhada para o especulador como parte importante do mercado e regulador de preços etc, eu acho que esses pontos positivos tem que ser destacados. Liquidez, etc. Mas esses afetos normalmente não são vistos, popularmente assim. E nos filmes que a gente vê, tem um recente aí que eu vi o trailer...

O Lobo de Wall Street. Eu ainda não fui assistir, meu filho foi, disse que foi divertido, mas disse que tem todo um lado glamour versus especulador, versus, problemas criados ali, problemas reais na economia real que eles têm que ser trabalhados, cuidados pra que, essa imagem não seja a imagem preponderante. Você sabe que o mercado tem muitos afetos positivos que devem ser melhor explorados. Então eu acho que é um trabalho conjunto de instituições, da própria escola, enfim, e divulgar mais amplo esse trabalho.

O senhor enxerga algum conflito vem o interesse nessa parceria? E se sim, como isso poderia ser contornado?

Eu não vejo conflito, agora potencialmente há um conflito sim, como nós falamos de salas patrocinadas por exemplo, mas na verdade assim, o fato de nós não sermos uma instituição com fins lucrativos, isso às vezes dá uma inversão que a gente é avesso ao lucro. Não é isso, na realidade o lucro ele é revertido para novas pesquisas, e nós investimos em educação. Mas por outro lado eu acho que é também esclarecer a fundação, que a nossa mantenedora, a reitoria que nós podemos desenvolver alguns trabalhos, embora gerem receita, ele não são necessariamente especulativos no sentido do negativo, ao grande (Salim?) Então eu acho que tem que ser feito um trabalho de exploração, esclarecimento do que estamos falando, por que você sabe que às vezes a mesma palavra para pessoas diferentes às vezes tem sentidos muitos diferentes. Eu acho que é o caso, a gente precisa trabalhar melhor a comunicação.

E qual opinião do senhor acerca da criação de um escritório de corretora ou algo similar como um clube de investimentos dentro da faculdade?

Extremamente bem vindo e positivo, eu acho que essa é uma iniciativa importante e eu teria todo interesse em conhecer melhor o projeto, para poder dar um posicionamento mais claro. Mas a princípio me parece uma ótima ideia, eu acho

que os alunos iriam gostar bastante, pode reforçar a questão da pesquisa e conhecimento na área de finanças, e também um vínculo com o desenvolvimento social e econômico, porque essas coisas não necessariamente tem que estar dissociadas, ao contrário, idealmente estarem associadas. Então nós podemos ter um desenvolvimento econômico sim, sem dúvidas, mas com desenvolvimento social simultaneamente. Nesse ponto aí há uma convergência de interesse fortes, certamente a gente vai ter o apoio da instituição.

Na opinião do senhor quais foram os maiores entraves à popularização de investimento em ações no Brasil, em especial entre os jovens?

Na realidade eu acho que é pouca informação com certo pessimismo atual no mercado, o mercado é jogado de lado desde 2008, nós estávamos em 70.000 pontos, hoje eu acho que está na faixa cinquenta pouquinho, enfim, tivemos quedas recentes, mas menos interferência do governo na economia seria algo bastante positivo, no sentido de várias mudanças de regras de curto prazo que afetam negativamente o desempenho da bolsa particularmente, afugentam investidores, então são coisas bastante negativas. Mas aí não depende muito da gente, depende mais do governo que costumava, ou costuma intervir bastante. O governo anterior à Dilma, no caso o Lula, eu acho que interferia menos, e o FHC reviu menos ainda. Então nós temos o nosso grau de investimento aí, espero que continuemos certo, eu acho que as perspectivas são bastante positivas pra nossa economia, mas eu gostaria que o governo errasse menos nesse sentido.

Bom eu estou falando agora como William, eu não sei se eu estou refletindo necessariamente a opinião da instituição, espero que sim. Então nós entendemos que deva haver interferência sempre do governo, como qualquer governo no sentido de permitir que haja um desenvolvimento econômico e social sem dúvida, regulamentos e até mesmo a questão da distribuição da renda. Então nós somos favoráveis. Agora isso tem que ser balanceado, se nós intervirmos com frequência, mudando regras, colocamos uma taxa na bolsa, enfim, coisas que tem muito sentido. Essa taxa na bolsa por exemplo afugentou muita gente, encareceu o investimento da bolsa, retira liquidez e hoje os investimentos internos aqui no Brasil se reduziram em relação há anos recentes. Então isso tudo gera impacto, e eu espero que isso seja revertido, no curto prazo, assim esperamos, é a minha torcida pelo menos.

ANEXO A – DECRETO INSTITUINTE DA ENEF**Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos****DECRETO Nº 7.397, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2010.**

Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea "a", da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF com a finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores.

Art. 2º A ENEF será implementada em conformidade com as seguintes diretrizes:

- I - atuação permanente e em âmbito nacional;
- II - gratuidade das ações de educação financeira;
- III - prevalência do interesse público;
- IV - atuação por meio de informação, formação e orientação;
- V - centralização da gestão e descentralização da execução das atividades;
- VI - formação de parcerias com órgãos e entidades públicas e instituições privadas; e
- VII - avaliação e revisão periódicas e permanentes.

Art. 3º Com o objetivo de definir planos, programas, ações e coordenar a execução da ENEF, é instituído, no âmbito do Ministério da Fazenda, o Comitê Nacional de Educação Financeira - CONEF, cuja composição compreenderá:

- I - um Diretor do Banco Central do Brasil;
- II - o Presidente da Comissão de Valores Mobiliários;
- III - o Diretor-Superintendente da Superintendência Nacional de Previdência Complementar;
- IV - o Superintendente da Superintendência de Seguros Privados;
- V - o Secretário-Executivo do Ministério da Fazenda;

VI - o Secretário-Executivo do Ministério da Educação;

VII - o Secretário-Executivo do Ministério da Previdência Social;

VIII - o Secretário-Executivo do Ministério da Justiça; e

IX - quatro representantes da sociedade civil, na forma do § 2º.

§ 1º Os representantes de que tratam os incisos I a VIII, bem como seus suplentes, serão indicados pelos seus respectivos órgãos e entidades, no prazo de quinze dias contados da publicação deste Decreto.

§ 2º Os representantes de que trata o inciso IX, bem como seus suplentes, serão indicados nos termos estabelecidos pelo regimento interno do CONEF.

§ 3º Os representantes indicados na forma dos §§ 1º e 2º serão designados em ato do Ministro de Estado da Fazenda.

§ 4º O CONEF será presidido, a cada período de seis meses, em regime de rodízio e na ordem a seguir, pelo representante do Banco Central do Brasil, da Comissão de Valores Mobiliários, da Superintendência Nacional de Previdência Complementar, da Superintendência de Seguros Privados e do Ministério da Fazenda.

§ 5º O Banco Central do Brasil exercerá a secretaria-executiva do CONEF, prestando o apoio administrativo e os meios necessários à execução dos objetivos do Comitê.

§ 6º O CONEF poderá criar grupos de trabalho, por prazo determinado, destinados ao exame de assuntos específicos, bem como comissões permanentes, de atividades especializadas, para dar-lhe suporte técnico, integrados por representantes dos órgãos e entidades que dele participam.

§ 7º O CONEF poderá convidar representantes de outros órgãos e entidades públicas e de organizações da sociedade civil para participar e colaborar com a consecução de seus objetivos, na forma do seu regimento interno.

Art. 4º Ao CONEF compete:

I - promover a ENEF, observada a finalidade estabelecida no art. 1º, por meio da elaboração de planos, programas e ações; e

II - estabelecer metas para o planejamento, financiamento, execução, avaliação e revisão da ENEF.

Parágrafo único. Caberá aos membros do CONEF elencados nos incisos I a VIII do art. 3º aprovar, por maioria simples, seu regimento interno.

Art. 5º Para assessorar o CONEF quanto aos aspectos pedagógicos relacionados com a educação financeira e previdenciária, é instituído, no âmbito do Ministério da Fazenda, o Grupo de Apoio Pedagógico - GAP, que terá em sua composição um representante de cada um dos seguintes órgãos e entidades:

I - Ministério da Educação, que o presidirá;

II - Banco Central do Brasil;

III - Comissão de Valores Mobiliários;

IV - Ministério da Fazenda;

V - Superintendência de Seguros Privados;

VI - Superintendência Nacional de Previdência Complementar;

VII - Conselho Nacional de Educação; e

VIII - instituições federais de ensino indicadas pelo Ministério da Educação, até o limite de cinco, no máximo de uma por região geográfica do País.

§ 1º O Conselho Nacional de Secretários de Educação e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação serão convidados a integrar o GAP.

§ 2º O Ministério da Educação exercerá a secretaria-executiva do GAP, ao qual prestará o apoio administrativo necessário.

§ 3º Os órgãos e entidades representados no GAP deverão, em até quinze dias após a designação dos membros do CONEF, indicar os seus representantes e respectivos suplentes ao presidente do Comitê, a quem competirá designá-los.

§ 4º O GAP poderá convidar representantes de outros órgãos e entidades públicas e de organizações da sociedade civil para participar de suas reuniões, na forma do seu regimento interno.

§ 5º A primeira reunião do GAP será convocada pelo presidente do CONEF.

§ 6º O GAP aprovará o seu regimento interno por maioria simples, presentes pelo menos metade mais um dos seus membros.

Art. 6º A participação no CONEF e no GAP é considerada serviço público relevante e não enseja remuneração.

Art. 7º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 22 de dezembro de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ	INÁCIO	LULA	DA	SILVA
<i>Luiz</i>	<i>Paulo</i>	<i>Teles</i>	<i>Ferreira</i>	<i>Barreto</i>
<i>Guido</i>				<i>Mantega,</i>
<i>Fernando</i>				<i>Haddad</i>
<i>Carlos</i>		<i>Eduardo</i>		<i>Gabas</i>
<i>Henrique de Campos Meirelles</i>				

Este texto não substitui o publicado no DOU de 23.12.2010 e retificado no DOU de 23.12.2010 - Edição extra